convergência

AGO/SET — 1972 — ANO V — Nos. 48/49

O Monaquismo no Mundo de Hoje,
Dom Rembert Weakland

A Originalidade do Carisma de D. Bosco,
Cleto Caliman

FÉ E SALVAÇÃO, J. B. Libânio

CONVERGÊNCIA

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar (ZC 05) — 20 000 — RIO DE JANEIRO — GB

Assinaturas para 1972:

Brasil:	via terrestre	Cr$ 30,00
	via aérea	Cr$ 35,00
Exterior:	via marítima ..	US$ 10,00
	via aérea	US$ 15,00
Avulso	.....	Cr$ 3,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 — Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ.

SUMÁRIO

EDITORIAL 1

INFORME DA CRB..... 3

FÉ E SALVAÇÃO

J. B. Libânio 9

O MONAQUISMO NO MUNDO DE HOJE, D. Rembert Weakland... 20

A ORIGINALIDADE DO CARISMA DE DOM BOSCO, Cleto Caliman 27

CELEBRANDO A ASSUNÇÃO DE MARIA, Aleixo Maria Autran .. 37

CONTRIBUIÇÃO DOS RELIGIOSOS E DAS RELIGIOSAS ESTRANGEIROS À AMÉRICA LATINA, Egídio Vigano 41

EDITORIAL

"Quem crer será salvo" (Mc 16, 16). "De que aproveitará, irmãos, a alguém dizer que tem fé, se não tiver obras?" (Tg 2, 14). Trata-se de um tema, não apenas apaixonante pelas polêmicas teológicas que envolveram a história da Igreja, mas de suma importância na vida cristã do dia-a-dia. Teorizações sobre a fé não faltam. Explicações sobre a doutrina de São Paulo, São João, Antigo e Novo Testamentos podem nos ajudar, mas não nos salvam. O que está dito na Sagrada Escritura é a verbalização de uma experiência de fé. Pessoas que deram uma resposta concreta, a um chamado concreto de Deus. São ações de homens fotografadas em palavras.

Por isso as expressões bíblicas são vigorosas, contestadoras de nossa acomodação.

Cristo antes de deixar os apóstolos no dia da Ascensão falou-lhes da salvação como fruto de fé. Não esqueçamos, porém, que ao ouvirem a recomendação do Senhor, tinham atrás de si uma vivência e convivência de anos com o Mestre.

Não é hora de nos deixar vencer pela onda de pessimismo dos que não vêem nos dias atuais as atitudes de fé poderosa que animava nossos pais. Se tal ocorresse seria ignorar

a presença de Deus que atua na história, que suscita os homens para os momentos certos e os conduz com mão paternal à consecução de seus planos.

Estou inclinado a ver em nossos dias mais atitudes de fé corajosa que nos tempos passados. Deixemos, porém, as comparações, pois o modo como os homens respondem ao chamado do Senhor em cada época é secundário. O importante é que cada época responda com suas peculiaridades.

Neste número de **Convergência** encontramos outro trabalho do Pe. Libânio: **Fé e Salvação.** Nossos leitores terão, como nos números anteriores, a palavra de um bom teólogo, sobre um assunto nem sempre fácil de ser explicitado com simplicidade.

O Monaquismo no Mundo de Hoje, do Abade Primaz, Dom Remberto Weakland é um trabalho que recomendamos vivamente, pela seriedade e agudeza de análise. Esta vale, em boa parte para toda a nossa vida religiosa, que quer ser uma expressão forte de fé no meio dos homens.

Outro teólogo, novo em Convergência, Pe. Cleto Caliman, SDB, fala como um **Homem São João Bosco, chegou à Salvação,** vivendo da fé. Este trabalho quer ser também uma reflexão sobre a atualidade do carisma de um fundador, por ter sido um homem de fé evangélica.

Em **Meus Encontros no Brasil** temos uma vez mais a confirmação de homens hodiernos que por motivos de fé deixam a pátria e a família para servir outras gentes. É uma homenagem a todos os nossos missionários.

Nesta mesma linha está a excelente conferência do Pe. Egídio Viganó, sobre a **Contribuição dos Religiosos e Religiosas Estrangeiros à América Latina.** Além de ser o relato de uma experiência, temos a contribuição de um teólogo lúcido que tenta ler os sinais do Senhor, para a Vida Religiosa entre nós e o que esta pode contribuir de positivo e enriquecedor para a Vida Religiosa universal.

Deixamos mais este número de Convergência em suas mãos, desejando que seja portador de paz e otimismo.

Frei Constâncio Nogara, OFM

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

LINHAS PRIORITÁRIAS PARA A IGREJA NA AMAZÔNIA (Encontro de Santarém)

Não é nada fácil traduzir por escrito o que se experimenta num Encontro. Além da palavra escrita ser morta, ela corre o perigo de ser escrita em certas condições e por alguém que não consegue se distanciar de impressões pessoais. Tentarei ser fiel ao que se viveu naqueles dias.

Para compreensão do resultado do Encontro de Santarém, é preciso conhecer a história até aquele momento, pois concluiu uma série de trabalhos anteriores. Foi em fevereiro de 1971 que os Bispos do Brasil, por ocasião de sua Assembléia Geral de Belo Horizonte, resolveram dar uma atenção especial à problemática pastoral da Amazônia. Criou-se dentro do novo planejamento uma "linha especial" para isso. Como coordenador e elo de ligação entre a Amazônia e a CNBB foi eleito o atual Arcebispo de Belém, D. Alberto Ramos.

Até julho de 1971 trabalhou-se para estudar o ponto de partida para o futuro plano especial. Constituiu-se uma equipe e, no Rio de Janeiro, realizou-se em julho, o primeiro contato oficial com as pessoas-chave da Amazônia, a fim de estabelecer prioridades, conhecer os planos do Governo em relação à Transamazônica e programar a continuidade do processo de planejamento iniciado.

Em agosto os trabalhos já realizados foram retomados e aprofundados num encontro em Manaus. Com as contribuições de várias Prelazias foi elaborado um primeiro esboço do plano de ação para a Amazônia com atenção acentuada na Problemática da Transamazônica, o processo de colonização e a presença da Igreja nesta nova realidade.

Todo este trabaho foi discutido e emendado no Encontro Inter-regional, realizado em Belém, em novembro de 1971. Resultou em dois trabalhos: um plano orgânico e um plano de emergência para a Amazônia com atenção especial à nova realidade: a Transamazônica.

Estes planos foram amplamente analisados e discutidos pelas "bases", nas prelazias, no período de dezembro até abril. O conjunto de observações e sugestões a estes planos foi o ponto de partida para a reunião de Santarém, 24 a 30 de maio de 1972. Após a apresentação destas sugestões, os participantes do Encontro de Santarém começaram a trabalhar por comissões:

1. Comissão para elaborar os princípios básicos da Pastoral na Amazônia;

2. Quatro Comissões para elaborar as quatro atividades básicas a serem empreendidas na Amazônia, a saber: **a)** Formação de novos agentes de Pastoral e reciclagem dos atuais. **b)** Comunidades cristãs de base. **c)** Pastoral indígena. **d)** As estradas e outras frentes pioneiras.

3. Uma última comissão tratou da infra-estrutura, do suporte para estas atividades pastorais e que resultou em quatro serviços básicos: **a)** Organização pastoral em nível nacional, inter-regional e regional, **b)** Institutos de Pastoral. **c)** Assessória técnica e jurídica, **d)** Meios de comunicação social.

Após seis dias de trabalho intenso com a máxima participação de todos os presentes, chegou-se ao resultado que ora está sendo distribuído por toda a região. Tem caráter orientador o Documento de Santarém, intitulado **LINHAS PRIORITÁRIAS DA PASTORAL DA AMAZÔNIA.** Exige uma pormenorização pelos componentes de cada unidade pastoral: arquidioceses e prelazias.

Embora seja totalmente pessoal, arriscar-me-ia (escreve o Pe. Tiago Boets) a uma ligeira avaliação deste Encontro e seu resultado.

Aspectos positivos

● O Encontro e seu resultado é trabalho dos participantes. É um trabalho independente de influências de fora. O grande e único compromisso foi com o Evangelho e sua inserção na realidade amazônica.

● Relativizou-se bastante a nova realidade da Transamazônica. Não foi a única e muito menos a primeira preocupação dos presentes.

● As contribuições e o resultado final são realizáveis. Estão dentro das possibilidades da Igreja, uma vez que se assumam as LINHAS PRIORITÁRIAS.

● Houve a preocupação de oferecer qualidade mais do que quantidade, como também de oferecer linhas, pistas, diretrizes e não atividades pormenorizadas e detalhadas. Esse é trabalho nosso, nas bases.

● É um trabalho que demonstra continuidade e coerência com os documentos já existentes: Vaticano II, Medellin etc.

Como **aspectos negativos** apontaria:

● Sentem-se as conseqüências do isolamento em que muitos se encontram. Vários tinham dificuldades de acompanhar os trabalhos em todos os pormenores, por não estarem atualizados ou suficientemente informados quanto às novas realidades da Amazônia, à evolução das ciências etc.

● Existe uma heterogeneidade e uma diversidade de opiniões quanto ao conteúdo de certos conceitos como: conscientização, Evangelização libertadora, Educação de Base, Promoção Humana etc.

● Também a interpretação da realidade amazônica, como parte de um sistema todo, encontrou os mais diversos enfoques.

● Não se explorou bastante a oportunidade do Encontro para uma troca de experiências pastorais entre as diversas prelazias. Poderia ter enriquecido muito o Encontro.

Foram 45 os participantes sendo: 26 responsáveis por 26 prelazias, 2 respon-

sáveis por duas arquidioceses, representantes da CNBB, CRB, CENESC, Assessoria do Rio de Janeiro, Representantes de entidades internacionais e nacionais que financiam encontros e projetos.

Resta agora estudar o Documento e transformá-lo em ações concretas, a fim de ajudar a população a descobrir o Cristo que aponta para a Amazônia, que aponta para a nossa realidade.

O ENCONTRO MONÁSTICO DA AMÉRICA LATINA

O Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, recebeu no seu Colégio os 111 participantes do Encontro Monástico da América Latina, de 22 a 30 de julho próximo passado, conforme noticiamos em **Convergência**, n.º 44, Abril/72, página 6.

OBJETIVO: Reuniu, este Encontro, monges e monjas que vivem sob a Regra de S. Bento, compreendendo os cistercienses, olivetanos e beneditinos, de quase todos os países da América Latina, com o objetivo de buscar juntos, caminhos que possam melhor responder às situações de hoje, e incentivem e aprofundem a vocação monástica em nosso continente. Desejávamos ainda conhecer concretamente a situação do monaquismo na América Latina, e estabelecer um maior relacionamento entre os Mosteiros, para intercâmbio e troca de experiências.

PREPARAÇÃO: Surgiu a idéia deste Encontro, na reunião dos Abades em Roma. Por esta ocasião, os superiores dos mosteiros latino-americanos combinaram juntos as bases para tal Encontro. Foi nomeada uma Comissão Central, composta do Coordenador Geral, Dom Abade Basílio Penido, do Brasil, onde se realizaria o Encontro; de Dom Abade Plácido Reitmeier, do México, representando a união de mosteiros México-Guatemala e de Dom Prior Pedro Eugênio Aiurralde, do Cono Sur (Cone do Sul) que reúne os mosteiros da Argentina, Uruguai e Chile.

Esta Comissão foi ampliada, para fins de organização, fazendo parte da mesma Dom Abade Inácio Accioly, do Rio de Janeiro, em cujo mosteiro se realizou o Encontro; de Madre Abadessa Luzia Ribeiro de Oliveira, de Belo Horizonte, Dom Prior Leo Rothrauff, de Vinhedo, de Lucy E. Homann, convidada para coordenar os trabalhos de organização e Irmã Joana C. Villas-Boas, que o secretariou.

ORGANIZAÇÃO: Além da Comissão Central, que coordenou todos os trabalhos, foram-se formando as diversas sub-comissões, compostas de monges, monjas e oblatos, que atuariam durante o Encontro, assim a Comissão de Liturgia, de Recepção, de Hospedagem, de Imprensa, de Informações e Mordomia, de Redação, de Secretaria, de Exposição de Livros e de Artesanato, etc., que trabalharam com a maior eficiência, para que os participantes fossem bem assistidos e para o pleno êxito dos trabalhos.

PROGRAMA: No dia 22, após a inscrição dos participantes, às 16h 30, foi aberto o Encontro com uma conferência de Dom Abade Primaz Rembert Weakland, em que fez um estudo do monaquismo no mundo de hoje, seguida de uma Concelebração, presidida pelo mesmo Abade Primaz.

No domingo 23, às 9 horas, Dom Gabriel Guarda, do Mosteiro de Las Condes, no Chile, apresentou o resultado de um estudo que vem fazendo há anos, sobre o contexto histórico do monaquismo latino-americano. Dr. Cândido Mendes, completou a colocação anterior, com uma tomada de consciência da situação político-social da América Latina. Ambos os assuntos foram debatidos em círculos às 14h30 e os resultados apresentados em plenário às 16h 30. Cada dia, o intervalo do almoço até a hora dos círculos ficava livre, para estudo dos textos por todos os participantes, com exceção dos dirigentes e relatores dos círculos, que se reuniam com D. Lucy Homann para treinamento e coordenação dos trabalhos em grupos.

O dia 24 foi dedicado ao estudo da "Pobreza e Trabalho dos Monges." O Abade Eduardo Ghiotto, do Mosteiro de Niño Dios, na Argentina, fez uma conferência sobre a primeira parte do tema, e a segunda foi apresentada em painel, coordenado por Dom Abade Timóteo A. Anastácio, do Mosteiro de Salvador, Bahia, e mais Madre Abadessa Luzia R. de Oliveira, Dom Estevão Bauzin e Irmão Irineu Falcão.

O dia 25, teve como tema Liturgia e Oração, sendo como no dia anterior, a primeira parte estudada por um orador de língua castelhana que, neste caso, foi Dom Roberto Chiogna, do Mosteiro de Los Toldos, na Argentina, e o painel coordenado por Dom Estevão Bettencourt, monge do Mosteiro do Rio de Janeiro, e mais Madre Lúcia Schmeider, Frei Filipe Schillings, OFM e Ir. Emanuel de Souza e Silva.

O grupo de monjas e monges visitantes, confraternizou-se com seus irmãos do Mosteiro do Rio, participando da sua Missa Conventual, às 7h30, no dia 26. Depois do café, dois ônibus do Colégio S. Bento deixaram o Mosteiro em direção ao Corcovado.

Foi um dia de turismo e descanso.

O dia 27 foi dedicado ao estudo da problemática monástico-vocacional, e o Prior Pedro Alurraide de Los Toldos, Argentina, apresentou sua "ponência," com grande sabedoria. O painel, em torno do mesmo tema, foi coordenado por Dom Marcelo Barros de Souza, monge do Mosteiro de Olinda, tendo como participantes P. Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente Nacional da CRB que muito nos enriqueceu com sua contribuição, e mais Madre Prioresa Mectildes V. Castro e Madre Prioresa Clara Hermans. Como nos outros dias, logo após a apresentação dos trabalhos, os expositores se reuniam com a Comissão Central, para elaborarem as perguntas que seriam discutidas pelos círculos, à tarde.

"Vida Comunitária," foi o tema do último dia de trabalho. Dom Prior Lourenço Ferrer do Mosteiro de Sta. Maria de Usme, na Colômbia, falou sobre suas experiências neste sentido, e depois de pequeno intervalo, um painel coordenado por Dom Prior Leo Rothrauff, e participado por Dom Abade Basílio Penido, Madre Abadessa Inês C. Bahia e Dom Emanuel de Almeida, discutiu os problemas relacionados com a vida comunitária e a renovação da mesma.

Finalmente, o dia 29, sábado, foi todo dedicado à discussão das conclusões e avaliação final dos trabalhos, encerrados com uma Concelebração novamente presidida pelo Dom Abade Primaz.

PARTICIPANTES: Além dos 79 monges e monjas brasileiros de 30 Casas dos diversos Estados, vieram participantes da Argentina, Chile, Colômbia, Guatemala, México, Peru e Uruguai.

Foram nossos convidados, Dom Abade Primaz Rembert Weakland e Dom Paulo Gordan, seu Secretário, Dom Abade Mário de Floris do A.I.M., Madre Elizabeth Summer, Abadessa de Stanbrook, Inglaterra, nossos bispos beneditinos Dom Clemente Isnard e Dom José de Cornelis, Madre Prioresa Gabriel S. Neuparth de Portugal, Padre Manuel Edwards, Presidente da CLAR; Padre Marcello de Carvalho Azevedo e toda a Diretoria da CRB Nacional; Dom Bernardo de Geradon do Mosteiro de Wonresnon na Bélgica, Frei Filipe Schillings, OFM e Lucy E. Homann, que coordenou toda a organização.

CONCLUSÕES: Como conclusão aos temas apresentados nos dias 22 e 23 temos o seguinte texto: "Os membros do Encontro, desejosos de procurar e aprofundar sua identidade e o carisma monástico na edificação do Reino de Deus que se constrói no mundo e na história, propõem-se a empenhar todas as forças na promoção de uma sociedade mais evangélica, e portanto, mais humana, justa e fraterna, quer em suas comunidades, quer para todos os homens. Estão convencidos de que esta tarefa exige fidelidade:

a) ao Evangelho;
b) aos valores genuínos do monaquismo legados pela tradição que receberam;
c) ao imperativo de uma sábia encarnação dos mesmos, na realidade humana deste Continente em transformação.

Tal atitude impõe, consequentemente, uma profunda conversão dos corações ao Evangelho, a qual não se limita à esfera Individual das consciências, mas implica um transbordamento em favor de toda a sociedade em meio à qual se acham as nossas comunidades."

ENCONTRO DE JOVENS RELIGIOSAS
(9 a 16 de julho 1972)

A Regional da CRB Guanabara e Estado do Rio de Janeiro, promoveu este Encontro para aprofundar um tema escolhido e aprovado pelas religiosas que frequentam mensalmente o dia de Reflexão e de Oração das Junioristas, ou seja, **A Vida Religiosa como Engajamento à Pessoa e à Missão de Jesus Cristo.**

Coordenadores principais. Irmã Maria Antônia Azcune, Secretária Executiva da Regional GB e RJ. Além da coordenação geral falou sobre as **Inseguranças da Vida Religiosa.** Para reflexão pessoal sugeriu: Segundo sua experiência de onde surgem as principais dificuldades para se continuar na Vida Religiosa? E para reflexão em grupo: Pensa você que a principal dificuldade vem da crise de identidade da própria religiosa ou das profundas mudanças do mundo de hoje? **Pe. Carlos José Romer** expôs em três dias Os Fundamentos Teológicos e Espirituais da Vida Cristã.

Pe. Luciano Mendes de Almeida: O Engajamento à Pessoa e à Missão de Jesus Cristo. **Pe. Nelson Carloni:** Critérios sobre a Oração. E ainda a Irmã Heloísa Mira e Ir. Terezinha de Almeida Torres.

Participantes. Doze Congregações estavam representadas, a saber: Franciscanas da Divina Providência, Missionárias Agostinianas, Escravas do Divino Coração de Jesus, Irmãs do Sagrado Coração de Maria, Religiosas da Assunção, Sociedade das Filhas do Coração de Maria, Religiosas da Companhia de Maria, Irmãs de Madre Cabrini, Missionárias de Jesus Crucificado, Filhas da Caridade.

Vinte e sete religiosas tinham votos temporários e quatorze votos perpétuos. Duas coordenadoras provinciais participaram do Encontro. Relevo especial merecem o rápido entrosamento do grupo, a espontaneidade e a alegria, a sinceridade e o interesse.

Dinâmica. Exposição, Oração Pessoal Reflexão em Grupos, Assembléias ou Plenários foram os pontos-chaves do Encontro. Cada manhã iniciava-se com uma oração comunitária, a explicação de um salmo e, em seguida, a sua recita como oração. Em dois dias a oração da manhã foi feita em pequenos grupos e em um deles, feita em âmbito Congregacional. Em cada noite era feita a revisão do dia, seja nos grupos, como entre os coordenadores e a Coordenação Geral. Foi estimulante para todos perceberem o aproveitamento, a alegria e a correspondência das jovens religiosas.

Num momento em que a Vida Religiosa passa por uma fase de transformações bastante profundas, pode-se perceber a importância de que se reveste um encontro como este, pela oportunidade que oferece de uma volta às fontes genuínas da Vida Religiosa, Jesus Cristo.

Quando se tornam necessárias novas formas de explicitação da consagração religiosa, indispensável é voltar àquele que a tudo dá sentido. A oportunidade de um relacionamento entre pessoas de diferentes lugares, de diferentes engajamentos, de diferentes anelos, de diferentes preocupações contribui para o enriquecimento pessoal e abre perspectivas novas para o desenvolvimento da interioridade e da apostolicidade.

NÃO DEIXE DE LER:

O DESTINO DO HOMEM E DO MUNDO
(Introdução à Teologia da Vocação)
L. Boff

"Quem crê no Filho tem a vida eterna; quem recusa de crer no Filho não verá a vida; a cólera de Deus pesa sobre ele" (Jo 3, 36).

Esta é a tragicidade e ameaçabilidade da existência do homem: viver entre a vida e a morte, entre o amor de Deus e sua cólera. A fé aparece como a bússola que indica a vida e o amor. A incredulidade por sua vez aponta para a morte e para a ira de Deus.

J. B. LIBÂNIO

FÉ E SALVAÇÃO

Cada vez que a reflexão cai sobre o homem aparece clara sua complexidade. Nosso embaraço torna-se ainda maior quando o tema é a salvação do homem. Sentimo-nos diante da grandeza e gravidade do problema. Só o falar a palavra **salvação** já estamos supondo uma existência ameaçada, suscetível de escapar da morte ou de cair nela; existência julgada, passível de perdão ou de condenação; existência trágica, capaz de terminar na infelicidade ou na bem-aventurança (1).

A Escritura e a longa tradição eclesial parecem ter asserções que nos deixam perplexos. De um lado,

afirma-se com toda a tranqüilidade que a fé, e só a fé, é necessária para a salvação.

"Aquele que crê, tem a vida eterna" (Jo 6,47).

"Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, mesmo que esteja morto, viverá; e aquele que vive e crê em mim, não morrerá jamais" (Jo 11, 25).

Para Orígenes é o início e o fundamento mesmo da salvação (2). Por mandamento divino, afirma Ambrósio, a salvação do homem não se realiza por sua obra. Deus quis antes que a sua salvação se procurasse pela fé e não pelas obras, para que o homem não se gloriasse em seus atos (3).

De outro lado, o evangelho não é menos categórico em afirmar a suficiência da caridade para a salvação, não mencionando a fé. Antes parece mesmo que a fé não existe. Assim os homens serão salvos, segundo o interrogatório do Filho do Homem, por terem dado de comer, de beber, de vestir ao seu irmão, sem saberem que o estavam fazendo a Cristo. Aos condenados serão imputados os atos de desamor a seus irmãos (Mt 25, 31-46). Não é aquele que diz Senhor, Senhor que entrará no Reino dos Céus, mas o que faz a vontade de Deus (Mt 7,21). O samaritano, ainda que se encontrando fora da verdadeira religião, portanto da verdadeira fé, é proposto como justo diante do levita, do sacerdote, por ter ajudado a vítima na estrada. Jesus faz dele um modelo: vai e faze o mesmo (Lc 10, 29 a 37).

Paulo resume todo esse ensinamento numa frase: aquele que ama o outro, por isso cumpriu a lei... A caridade é portanto a lei na sua plenitude (Rom 13, 9.10).

Numa terceira série de textos, a Escritura nos apresenta o sacramento do batismo e da eucaristia como necessários para a salvação.

Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus (Jo 3,5). Aquele que crer e for batizado, será salvo (Mc 16,16). Ele nos salvou pelo banho da regeneração e da renovação no Espírito Santo (Tit 3,5). Vós sois todos filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Vós todos sois, na verdade, batizados no Cristo, revestistes-vos do Cristo (Gál 3,26). Arrependei-vos e que cada um de vós se faça batizar no nome de Jesus Cristo para a remissão dos pecados e recebereis então o dom do Espírito Santo (At 2,38). Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós (Jo 6,53), referindo-se à Eucaristia.

E na sua longa tradição à Igreja sempre se entendeu como necessária para a salvação. No século III, Cipriano e Orígenes vão criar a formula lapidar, que será repetida através dos séculos: **"extra ecclesiam, nulla salus"**, fora da Igreja, não há salvação (4). O magistério da Igreja repetirá através dos séculos essa mesma forma (5).

Diante dessa série de afirmações, todas elas altamente testemunhadas pela revelação lida e entendida pela consciência eclesial, sentimo-nos perplexos. Interessa-nos ver nes-

se artigo a relação entre fé e salvação, deixando o problema do sacramento e da Igreja de lado (6).

Uno e pluridimensional

Toda vez que nos defrontamos com o problema da salvação, sentimos um mal-estar diante da complexidade e ambigüidade do próprio tema salvação. A própria noção de salvação se encontra sob acusação (7). Não é de estranhar que o conceito de salvação sofra tanta complexidade e tenha que ser repensado em novas dimensões. Pois essa temática está intimamente ligada com a concepção do homem.

Salvação em última análise vem ser a pergunta mais radical sobre quem é o homem. A mesma hesitação que o homem sente diante da resposta sobre sua autodefinição, auto-identidade, surge ao abordar o tema da salvação. Como o homem nunca encontrará uma resposta completa e definitiva na sua totalidade sobre si mesmo, assim também o tema da salvação sempre estará aberto. O homem se percebe como uma profunda unidade pluridimensional. A salvação deverá pois responder à unidade e pluridimensionalidade.

O homem se experimenta como unidade. Por mais complexo que seja seu organismo, submetido hoje às mais complicadas análises bioquímicas, por mais densa e variada que tenha sido a sua história, por mais diversificados que tenham sido os influxos sofridos, percebe o homem ser ele um sujeito que unifica a pluralidade de todas as suas dimensões. O sujeito da frase é sempre o pronome pessoal "eu". É sempre o mesmo "eu" que sofre, que chora, que ri, que ama, que joga, que estuda, que dorme, enfim, que vive.

Todas as modificações, e muitas vezes profundas, não impedem que o sujeito permaneça sempre o mesmo. Se o homem se identifica tão radicalmente com o seu "eu", não poderá a sua salvação desfazer tal unidade. Deve necessariamente conservar a unidade pessoal do "eu". A salvação deve atingir o "eu". Se dissesse respeito a um "nós" que fosse a negação do "eu" e não sua plena realização, a salvação não respeitaria essa experiência fundamental da unidade do homem.

A problemática teria sido mais simples se o homem fosse unicamente uma unidade monádica, totalmente fechada em si, na unicidade de sua experiência. Mas experimenta-se uno na pluridimensionalidade de sua vivência.

PARA REFLEXÃO

O homem experimenta-se corpo, matéria, espaço, tempo. Experiência radical, indissociável de seu "eu". Cresce, amplia o horizonte de seu "eu", mas sempre como um "eu-corpo". Só se comunica através de seu corpo. Só percebe o outro na mediação do corpo. Só entende, só ama, só vive, experimentando-se corpo. Mesmo quando pensa que atingiu o grau máximo de espiritualidade, quando queria ser só espírito, só alma, percebe-se profundamente ligado ao corpo.

O homem se percebe indo além

A salvação deve-se fazer então com o corpo e para o corpo. O corpo não pode receber a conotação maniquéia de lugar de pecado, de fonte de condenação. Facilmente interpretamos a palavra bíblica "sarx" carne, como nosso corpo em oposição à alma. Assim ao lermos palavras de Paulo que dizem ser fruto da carne a fornicação, a impureza, a degradação, a idolatria, a magia, o ódio, e semelhantes realidades (Gál 5, 18s), poderíamos ser induzidos a desprezar a carne como origem de todos esses males. Mas Paulo não pensa dualisticamente, e sim refere-se à situação existencial de quem vive no mundo do egoísmo, do pecado.

Sarx, carne, não é uma parte do homem, não é o corpo, não é a materialidade, mas expressão teológica da realidade do pecado que existe em nós. Sarx, carne, enquanto expressão de pecado, opõe-se à salvação, é-lhe a negação. Assim o mesmo Paulo em oposição fala dos frutos do espírito, do pneuma, como frutos de salvação (Gál 5, 22).

O homem-corpo sente exatamente colocado dentro da realidade sarx-pneuma, carne-espírito. Quanto mais ele é carne, sarx, tanto mais longe está de sua salvação. A sua corporalidade e corporeidade se faz pecado. Mas quanto mais ele é pneuma, espírito, precisamente por meio de sua corporeidade, com a sua corporeidade, mais ele é salvação.

Sem nunca deixar de ser corpo e experimentar-se corpo, o homem percebe-se indo além da matéria, além do corpo, além do espaço, além do tempo. Percebe-se ser alma, ser espírito. Esta experiência não rompe sua unidade, mas mostra-a complexa. Percebe-se sobretudo alma no querer ultrapassar os condicionamentos limitados que o ligam ao corpo e a que o corpo o prende.

Quer amar seus irmãos, não somente aqui e agora, mas sempre. Não quer amar somente esses irmãos-aqui, mas todos os seus irmãos. Quer superar a opacidade de todo o seu relacionamento de amor, tão precário, tão frágil, tão ligado à caducidade de um corpo-feito-para-a-morte. Como ser vivo, sente-se "ser-para-a-morte", mas aspira simplesmente à vida. Ser-alma é aspirar à eternidade, a um relacionamento pleno, total, sem impecilhos da ordem bioquímica presente.

A salvação, portanto, deve atingir essa dimensão do homem. Se ela não se faz sem o corpo e sem ser para o corpo, também não fará sem a alma, sem ser-para-a-alma. A salvação se fará pois numa linha de

totalidade, de plenitude de relacionamento de amor, de eternidade. O homem-alma encontra-se, retomando o pensamento de Paulo, numa situação de carne e espírito, de sarx pneuma. Nesse sentir-se como homem-alma, como nó de relações e dinamismos sem limites, voltado para todas as direções, clamando por uma realização plena e por um desabrochar num derradeiro sentido (8), pode o homem escravizar os outros, escravizar-se no seu radical egoísmo, gerando os frutos da carne. Nisto o homem-alma é carne.

Mas, pelo contrário, pode fazer que toda essa potencialidade se plenifique no amor, no serviço, na doação de si, em verdadeiro e profundo relacionamento com os homens e com Deus. Nisto o homem-alma é espírito, pneuma. Na medida em que tais experiências vão se fazendo, vão se concretizando, o homem se salva. A salvação é plenificação sempre crescente da experiência que o homem faz de ser alma, de querer alargar-se por além de sua situação de corpo, mas levando consigo sua corporeidade.

O homem experimenta-se a si mesmo em muitas outras situações tensionais. Sente-se indivíduo, autônomo, livre, senhor de si. O seu mundo é importante, fundamental. Doutro lado, percebe que só é ele mesmo no diálogo, no convívio com seus irmãos, na comunhão com os outros, no ser-comunidade. Sabe que não nasceu para ser ilha e sim continente. Se, às vezes, deseja a solidão insular, percebe que necessita igualmente da comunhão com o continente.

A salvação não pode descurar essa dupla dimensão. Ela aprofunda o encontro do homem consigo mesmo mais que todo silêncio de uma ilha. Envolve contudo o homem numa comunidade de amor mais povoada que o continente amarelo. A salvação interioriza as riquezas individuais, como amplia as dimensões sociais e comunitárias.

Não basta amar

A realidade da salvação está em íntima relação com a experiência que o homem tem do mal, do pecado, da morte, da miséria em todos os sentidos. A situação de pecado é individual e coletiva, numa mútua causalidade. Toda a sua maldade e pecaminosidade pessoal aumenta, corrobora, reafirma a situação global de maldade, de pecado. A salvação só poderá ser uma realidade que quebre esse círculo vicioso (9). Terá a dimensão individual e social. Atingirá o indivíduo na sua singularidade e a sociedade na sua coletividade.

A salvação atingindo um homem e uma sociedade sempre em processo, só pode ser ela mesma um processo. Não é uma realidade fixa, acabada, que deve ser garantida como um tesouro num cofre. A expressão tão comum do falar religioso de conservar a graça, de obter assim a salvação, pode esconder uma concepção estática da graça e salvação.

Não se conserva nenhuma graça e nem se obtém uma salvação. Constrói-se a salvação, por uma vida no processo da graça. Cada dia é sal-

vação e condenação, na medida de nossos compromissos com o bem ou com o mal. Cada dia é graça, no sentido de nossa entrega ao amor. Infelizmente o homem não consegue viver o processo da graça e salvação de modo retilíneo. Sua vida é um misto de graça e pecado. Por isso sempre deve haver humildade e confiança, contrição e esperança, fé e amor.

Voltando sobre o nosso problema central, fica-nos a pergunta da relação da fé com toda a realidade da salvação. Não basta em última análise amar? Para que crer? Por que João insiste tanto no seu evangelho da necessidade da fé para a salvação?

Sim basta amar. O amor faz eternidade, o amor constrói eternidade. O amor é eternidade (10). Se refletimos em profundidade sobre essa nossa realidade do amor, descobrimos que nele fazemos talvez a experiência mais clara de nossa abertura para o infinito, de nossa transcendência. Quando amamos, transcendemos nossa fraqueza, nossa ligação ao tempo e espaço, e somos de certo modo eternidade. Por uma força interna e dinâmica, o amor só se pode entender como eterno. Amar alguém provisoriamente, parece uma contradição de nossa experiência de amor. Se amamos alguém, tem de ser para sempre. Quando o homem ama, empenha-se totalmente, coloca toda a força de si, para que tal experiência não termine, não sofra a corrosão do tempo. Tudo que existe nele aspira e procura ser eternidade, ainda que saiba ser ele e estar ele na dimensão do tempo.

Fica sempre no homem a terrível dúvida, se toda essa experiência de eternidade não passa de uma projeção de desejos, de frustrações, e, portanto, não é senão ilusão. De certo modo, a própria experiência do amor é incompleta, ameaçada por dentro. Sofre da terrível ambigüidade de ser uma experiência do homem colocado nas dimensões do tempo e do espaço. Hoje sua dúvida ainda é maior, devido a um pensamento muito corrente de que toda realidade que transcende o homem e a que ele aspira, não passa de ilusão, de criação efêmera do próprio homem (11). Nada há aí que fale de eternidade, e que, em última análise, seria o grande sinal de Deus na sua vida.

O amor salva. O amor faz a eternidade. Mas o homem teme e duvida que sua experiência seja realmente verdadeira. A fé entra e faz o papel de salvadora. O amor salva. A fé salva o amor que salva. A fé fala-nos que Deus é amor (I Jo 4,8). A fé ensina-nos que toda realidade de amor é eterna porque participa da eternidade de Deus. A última realidade que fundamenta o amor é Deus. Porque ambos se identificam.

A fé salva o amor

A fé salva o amor, porque lhe dá o verdadeiro sentido. O sentido é a vida e a sua carência é a morte. A fé ilumina a realidade do amor por dentro. Faz ver que o amor é sério, é comprometedor, é expressão do próprio ser de Deus. É todo o contrário da alienação, porque não esvazia o ser do homem e sim faz encontrar a sua raiz.

Mais. O homem experimenta-se amando, mas sempre na ambigüidade e ambivalência de seu amor (12). Ele nunca é puro. É misto de amor e egoísmo, de doação e busca-de-si, de pureza e impureza, de desprendimento e apego.

O amor salva na sua pureza, na expressão de movimento de saída, de dom de si, de entrega, de serviço, de diaconia. O amor condena, quando ele se deixa destruir e corromper pelo egoísmo, pelo interesse, pela auto-busca, pela impureza. O homem vive sempre na dúvida se ama ou não; se seu amor é doação ou sua falsificação egoística.

O amor humano deve sempre encontrar uma expressão que atinge também a área do sensível, através da mediação do corpo. Não existe amor totalmente espiritual, desencarnado. De outro lado, facilmente o homem pode perder a dimensão espiritual desse amor. Pode enganar-se a si mesmo, pensando amar o seu irmão, e de fato estar amando-se no seu irmão. Instrumentaliza-o, em vez de amá-lo.

Tal realidade é inexorável. Pois nunca o homem conseguirá fazer a experiência do amor em grau puro. Sempre haverá por dentro elementos que o contaminam. Portanto só a realidade do amor deixa o homem perplexo. De novo, a fé salva o amor. Salvando o amor, salva o homem. Por isso, só a fé salva. Salva o amor, não de modo teórico, fornecendo uma definição abstrata do amor. Salva o amor, não desencarnando-o, platonizando-o, mas sim apresentando o exemplo concreto e encarnado de Jesus Cristo.

A fé em Cristo nos revela o que é amar e questiona continuamente nosso amor. Purifica-o na raiz. Faz-nos ver a totalidade do amor vivido por um homem. Por contraste percebemos a impureza e incompletude de nosso amor. Jesus Cristo vive o amor na sua dupla dimensão, numa perfeição total e exemplar (13). Vive-o na dimensão teologal, num perfeito relacionamento com seu Pai. "Meu Pai e eu somos um" (Jo 10, 30). Unidade de ser. Unidade de agir. "Se não faço as obras de meu Pai, então podeis não crer em mim" (Jo 10,37). "Mas as palavras que eu digo, não as digo de mim mesmo, o Pai que habita em mim, realiza as obras" (Jo 14,10b).

Essa consciência profunda da unidade que tinha Cristo com o Pai manifestava-se para os homens sobretudo na fidelidade radical à sua missão (14). "Desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a daquele que me enviou" (Jo 6,38). Essa fidelidade de Cristo à sua missão teve momentos duros e mesmo dramáticos. Na agonia do horto relutou diante do cálice amargo a beber, mas se entrega ao Pai, pedindo que se faça a sua vontade e não a dele (Mc 14,36).

O amor de Cristo encontrou na fidelidade de sua missão a grande mostra e a fé nele coloca-nos diante dessa realidade como purificadora de nosso amor. Assim quando no correr do dia-a-dia tivermos de pro-

var e testar o nosso amor, para purificá-lo de toda ganga de egoísmo, de impureza, a fé em Cristo nos indica o sentido do amor, sua verdadeira realidade, libertando-nos da ilusão. Ama-se através da fidelidade radical à própria vocação, à própria tarefa, ao próprio dever. Um amor que nos afastasse de nossa vocação, de nosso dever, de nossa tarefa, seria a negação do mesmo amor.

Dou para receber: negócio
Dou para dar: amor

A fé continua sua tarefa de purificar o amor, portanto de salvar, ao ajudar-nos a descobrir nossa vocação. De novo o exemplo de Cristo. Não se trata de qualquer vocação. É a vocação que recebeu do Pai. É diante de Deus que o cristão, que crê, se interroga sobre sua vocação. Não é um "diante" estático, local. "Diante de Deus" como quem procura realmente com toda seriedade perceber dentro de si, em diálogo com seus irmãos, em constante confrontar-se com o evangelho vivido na Igreja, a sua vocação.

Toda descoberta dessa natureza se faz somente em liberdade. A fé, portanto, deverá exercer um trabalho de libertação. Deverá purificar-nos de preconceitos, de auto-suficiência, de apegos, de parti-pris, para colocar-nos livres diante de Deus. Deus falará através da história, através dos fatos. Nunca será uma clareza total. Sempre há lugar para o risco, portanto para o erro. A atitude de fé coloca o homem nessa disposição de abertura, de contínua revisão, de permanente questionamento de si.

O Absoluto da vontade de Deus só pode ser percebido na transitoriedade e caducidade de nossa existência. Aí dentro o homem encontra a medida do seu amor. A fé assume a função de sempre testar esse amor, de sempre lembrar ao homem a necessidade de contínua atitude de alerta, de procura, de revisão, de purificação.

A fé salva ainda o amor, ao ensinar ao homem em que medida pode viver o verdadeiro amor. Pode talvez iludir-se, pensando que segue sua vocação, que ama a Deus, mas descuida o amor a seu irmão. Cristo mostrou que a realização de sua vocação cumprindo a vontade do Pai o levou ao ser-totalmente-para-os-outros (15). Assumindo a imagem do pastor, Cristo mostra seu amor pela doação de sua própria vida (Jo 10, 11). Ele é grão de trigo que para dar fruto precisa cair na obscuridade do solo e aí morrer (Jo 12, 24ss). A fé está continuamente lembrando ao homem que o verdadeiro amor é doação a seus irmãos, é entrega, até o dom da própria vida. Expressão máxima do amor (Jo 15, 13).

O homem que crê não pode iludir-se mais. Ama na medida em que se doa. Ama na medida em que como Cristo é para-os-outros a ponto de dar-lhes algo valoroso como sua vida. O homem poderia na ilusão de sua experiência julgar que ama nos momentos em que deseja possuir o outro. Pois sente dentro de si muito perto o duplo movimento de dar e querer possuir.

A gratuidade do dar parece ser somente um elemento do amor, en-

quanto que o desejo de possuir parece também ser necessário para o amor. Cristo nos ensina que a raiz do amor é dar. O querer possuir contamina o amor, sobretudo quando sofre da avidez manipuladora do espírito mercantilista. "Do ut des". Dou para que me dês. Aí está o fundamento do negócio, mas não do amor. Dou para dar, na sua terrível gratuidade.

Vivemos num mundo tremendamente mercantilista, que esqueceu a gratuidade. Tudo que se faz, faz-se por dinheiro. O homem necessita do dinheiro para viver. Nada mais natural que o busque com seu trabalho. Esquema primário de existir, mas que não pode ser projetado para o mundo do amor. Mas como ele se integrou de tal modo no existir do homem de hoje, que muitas vezes o amor padece de tal contaminação. A fé vem-nos lembrar a gratuidade incontaminada do amor. A fé vem salvar o amor da mercantilização.

Viver do amor é viver de Deus

Se aprofundarmos mais nossa fé na vida trinitária, ficará ainda mais claro para nós o sentido mesmo do amor como um ser-para-o-outro. No mundo divino não existe um ser-Deus unipessoal, fechado no seu total ser-em-si. Há uma comunidade. Só existe um Deus que é Pai, precisamente porque é totalmente para o Filho e para o Espírito Santo. O próprio ser-Pai é ser-para-o-Filho e para-o-Espírito Santo. O seu ser é um ser relacional.

O mesmo se pode dizer do Filho e do Espírito Santo. O Filho só é Filho, porque é do Pai e para o Espírito Santo. No mesmo movimento, em que o Filho recebe todo o seu ser do Pai como um dom eterno, comunica-o ao Espírito Santo na mesma eternidade do dom. O Espírito Santo é o mesmo dom eterno do Pai e do Filho, o elo de amor trinitário. Numa palavra, Deus é comunidade, é comunhão, é ser-de e ser-para (16).

Se o próprio ser-Deus é ser-de-e ser-para, o homem, como criatura que participa do ser-Deus, é na sua última radicalidade de ser, um ser-de e um ser-para. Quando porém e todas as vezes que quiser ser só um ser-para-si, um ser fechado no isolamento nefasto do egoísmo, nega-se a si mesmo. Auto-destrói-se. Somente no movimento do dom, o homem responde ao último imperativo de seu próprio ser. Porque esse ser encontra sua última raiz no ser de Deus, que é um ser-para.

De novo, a fé purifica e salva o amor. Salvando o amor, salva o homem. Só a fé salva. A fé não deixa que o homem caia na terrível ilusão do egoísmo como amor. Infinitas vezes o homem fará a experiência de dizer-se amando, quando precisamente realiza o oposto, pois o mo-

vimento não foi oblativo, mas captativo. Infinitas vezes, chamará e cantará o amor, precisamente quando no profundo de si está negando-o, numa busca do próprio prazer, da própria posse, na negação do dom.

A fé lembra-nos ainda uma outra dimensão do amor. Amor não é só dom. É também acolhimento. Ama-se, sendo amado. Na dimensão psicológica, acentua a psicologia moderna a necessidade do amor e carinho dos pais, para que a criança possa chegar a uma maturidade afetiva, a uma capacidade oblativa. O ser-amado precede ao amar. Os que não se sentiram amados, encontram grandes dificuldades em amar. A fé nos ilumina essa realidade do amor, mostrando que precede ao mínimo gesto de amor de nossa parte o amor de Deus.

Somos amados em primeiro lugar por Deus. Precisamente porque Deus nos amou primeiro (I Jo 4, 10), podemos amar nosso irmão. Esse amor de Deus a nós manifesta-se também nas infinitas vezes em que somos amados por nossos irmãos. Por isso, esse amor nos fortifica, nos eleva, nos purifica, nos anima. Nele, experimentamos o próprio amor de Deus. A fé com sua dimensão de acolhimento do dom de Deus, como confissão clara da precedência da iniciativa de Deus, alerta-os para essa dimensão maravilhosa do amor (17).

Só o amor salva. Pois só ele é eternidade, só ele faz eternidade. Só o amor salva, porque só ele faz o homem encontrar a última raiz de sua existência. Só ele revela ao homem o seu próprio ser.

Só o amor salva, porque ele é o próprio ser de Deus. Deus é amor. Viver do amor, realizar o amor, é viver de Deus, é participar do próprio ser de Deus, iniciando já a eternidade.

Só a fé salva. O amor humano é sempre ambivalente e ambíguo. Participa do **agapé** e do **eros.** É dom e busca. Oferece e quer exigir. A fé purifica-o mostrando como o amor deve ser vivido. Ela revela o verdadeiro amor que salva. Ela nos fala de Cristo. Cristo viveu a plenitude do amor, na fidelidade total a sua missão e na entrega generosa de si aos homens.

Vivendo pois a dimensão do amor, purificado continuamente pela fé, só nos resta esperar que no nosso corpo mortal transformado em corpo de glória se manifeste o próprio ser de Deus: comunidade de amor.

[1]. **J. Mouroux,** À travers le monde de la foi, [cogitatio fidei, n.31], Paris 1968, p. 210.

[2]. **Orígenes,** PG 14 981.

[3]. **Ambrósio,** PL 14-15 1097.

[4]. **Y. Congar,** Sainte Église, Études et approches ecclésiologiques; Paris 1963, pp. 417-432; **Ch. Journet,** L'Église du Verbe Incarné, II. Sa structure interne et son unité catholique, Burges 1962; pp. 1081-1141;

L. Boff, Die Kierche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung, Paderborn 1972, pp. 339ss.

[5] Ver entre outros: DS 792; DS 802; DS 875 e 870; DS 1351.

[6]. **L. Villette,** Foi et Sacrement, I [Tournai 1959], II [Paris 1964].

[7]. **A. Manaranche,** Quel salut? Paris 1969, p. 13.

[8]. **L. Boff,** A morte, o lugar do verdadeiro nascimento do homem, em: Vozes 66 [1972,3] pp. 227-231.

[9]. **J. B. Libânio,** Estrutura Sacramental da salvação, I. n: 23 [1971], pp. 491-502.

[10]. **J. Ratzinger,** Introdução ao Cristianismo, trad. bras. São Paulo 1970, p. 302.

[11]. **O. Rabut,** L'expérience religieuse fondamentale, [L'actualité religieuse, 27], Paris 1969, pp. 43ss.

[12]. **J. Ratzinger,** Le nouveau peuple de Dieu, [Col. intelligence de la foi], Paris 1971, pp. 164.

[13]. **L. Boff,** Jesus Cristo Libertador, Ensaio de Cristologia crítica para o nosso tempo, Petrópolis 1972, pp. 193ss.

[14]. **J. Alfaro,** Cristo glorioso, Revelador del Padre, em: Gregorianum 39 [1958] p. 227.

[15]. **L. Boff,** o.c. pp. 210ss.

[16]. **J. Galot,** La personne du Christ, [Coll. Théologie et vie], Gembloux 1969.

[17]. **J. Mourox,** À travers le monde de la Foi, [Cogitatio Fidei 31], Paris 1968, p. 193.

DOM REMBERT WEAKLAND

O Monaquismo no Mundo de Hoje

Conferência do Abade Primaz Dom Rembert Weakland, no Encontro Monástico Latino-Americano, realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 30 de julho de 1972. Esta conferência foi pronunciada na tarde do dia 22.

Por toda parte onde viajo agora, sinto certa depressão no meio dos religiosos e religiosas, como um sentimento de frustação diante de obstáculos que parecem insuperáveis. Alguns sentem-se desorientados, devido a uma formação rígida e fechada que receberam e que não permitia o necessário desenvolvimento pós-conciliar. Outros sentem-se desiludidos, tendo esperado depois do Concílio uma verdadeira e profunda mudança em seus institutos, e vendo, pelo contrário, uma espécie de satisfação com o estado atual, ou então medo ou insegurança diante de qualquer re-

novação. Muitos do segundo grupo já pediram dispensa dos votos e procuram outra forma de vida cristã.

Outros permanecem nos institutos tradicionais na esperança que o Espírito renove aos poucos os corações e ilumine as mentes dos membros, através de todo sofrimento que provém da luta interminável empreendida para acertar o caminho. Além disso, os religiosos se sentem muitas vezes mal compreendidos pelas autoridades que deveriam apoiá-los e encorajá-los em suas buscas. A posição dos religiosos na Igreja hoje não é apreciada por muita gente. Tudo isso provoca um mal-estar que, se olhamos realisticamente as coisas, não podemos negar.

Franqueza face às dificuldades

O futuro de muitos institutos religiosos permanece em dúvida. Eu não sou absolutamente pessimista, mas seria um ingênuo se não apresentasse as coisas como estão. Eu vejo, ao mesmo tempo, muitos sinais de uma verdadeira renovação que o Espírito opera na Igreja e particularmente entre os religiosos, ainda que ela não tome formas sempre claras e não chame a atenção da opinião pública.

A vida religiosa na Igreja não morreu, mas está, apesar de si mesma, transformando-se em formas novas. Por isso seria útil, no início destes dias de reunião, colocarmo-nos interrogações sobre o estado atual da renovação do monaquismo beneditino. Parece-me que seja esta a minha função e minha contribuição a esta reunião.

Antes de tudo lhes digo francamente, que também nós temos um número bastante elevado de monges e monjas profundamente intranquilos por causa das mudanças no mundo e na Igreja, os quais se sentem desorientados e inseguros. Talvez por causa de uma formação muito fechada e sob a constante proteção da clausura, nós geramos um número por demais elevado de pessoas desta categoria. Qualquer mudança, mesmo de natureza pequena e exterior, pode causar um estado de insegurança psicológica em muitos membros de nossas comunidades.

Em quase toda comunidade existe um pequeno grupo deste tipo, que geralmente faz bastante barulho; daí resulta que qualquer discussão livre parece quase obstaculada na comunidade. Tivemos também um número de monges, irmãs e monjas, que vendo uma tal situação, pedem dispensa dos votos.

Não temos, por isso, nenhuma razão de nos orgulhar. O período pós-conciliar encontrou-nos mal preparados para enfrentar os problemas de hoje. Encontramo-nos diante de um número muito alto de monges imaturos, procurando um refúgio de segurança contra um mundo em contínua evolução. Tivemos também um número bastante alto de dispensas, motivadas por descontentamento e confusão quanto à função do monge na Igreja hoje.

Desde que a renovação é feita no nível das diferentes Congregações,

é difícil falar em geral do "aggiornamento" na Ordem e do estado atual da situação. Vejo tais dificuldades, porém acredito que seja útil, tentar tal descrição, apesar de em cada congregação, em cada mosteiro de cada congregação, a situação seja diferente.

O segundo parágrafo do documento conciliar sobre a vida religiosa, **Perfectae Caritatis,** indica o processo para a renovação de nossa vida: "A renovação da vida religiosa comporta uma contínua volta às fontes de toda forma de vida cristã e à primitiva inspiração dos institutos, e ao mesmo tempo a adaptação dos próprios institutos às novas condições da época".

Esta fórmula, num primeiro tempo, parecia fácil; a aplicação, porém, não era assim tão simples, como a experiência nos ensinou.

Por uma razão que não posso explicar, muitos começaram a omitir o primeiro elemento da fórmula: "a volta às fontes de toda vida cristã", isto é, ao Evangelho. Entre os três elementos da fórmula (1.º — a volta às fontes de toda forma de vida cristã, 2.º — a volta à primitiva inspiração dos institutos, 3.º — a adaptação às novas condições da época), o primeiro é certamente o elemento mais importante.

Volta ao Evangelho

Infelizmente devemos confessar que entre nós, até agora, tinha sido realizado pouco trabalho para reexaminar as bases evangélicas da nossa vida monástica. Devido a nossa tradição de espiritualidade bíblica, teríamos esperado muito mais, neste setor. Se a nossa vida não possui uma base evangélica clara, o futuro será sempre incerto. Talvez porque tivemos que colocar as nossas energias e forças na luta pela igualdade de todos os membros na comunidade e para uma liturgia renovada, temos ao mesmo tempo descuidado deste aspecto que somente agora enfrentamos.

Talvez tenhamos discutido demais sobre as transformações externas sem chegar às raízes.

Dou rapidamente aqui uma lista dos elementos da nossa vida que pedem uma maior reflexão à luz do Evangelho:

1.º) **O nosso conceito de comunidade.** Este conceito deve ser baseado sobre um princípio de caridade fraterna em Cristo e não sobre um isolamento egoístico nem sobre um sentimentalismo psicológico.

2.º **Uma vida de virgindade e celibato.** O que isto significa à luz do Evangelho no nosso relacionamento com o Cristo, com os coirmãos, com o mundo? Cada dia, mais me convenço que para nós religiosos esta pergunta será talvez a mais importante nos anos que seguirão. Se o celibato não for um elemento positivo, que encontra o seu pleno desenvolvimento num amor mais completo pelo Cristo e pelo próximo, mas se for somente tolerado como condição para viver juntos ou realizar algum trabalho, não poderá durar muito.

3.º) **O conceito bíblico do desapego exigido de todo cristão e a prova que dele resulta.** Devemos ainda desenvolver as modalidades pelas quais este conceito nos permita compartilhar tudo aquilo que temos e somos com os outros e de libertar-nos para os outros e para Cristo. Espero que vocês que são tão sensíveis a este aspecto da nossa vocação, possam contribuir para uma busca mais profunda das bases evangélicas da pobreza monástica.

4.º) **O conceito de obediência** visto como extensão da missão do Cristo em fazer a vontade do Pai. Existe ainda muito a realizar para tirar todas as conseqüências daquela obediência à missão, à vocação que recebemos e como participação ao trabalho de Cristo cumprindo a vontade do Pai.

Outros assuntos referem-se ao ascetismo, à oração e especialmente à nossa atitude para com o mundo.

Citei poucos elementos, mas parecem suficientes para mostrar um enorme trabalho ainda a fazer para realizar o primeiro elemento na fórmula de renovação. Se este primeiro elemento não for sempre evidente, existe o perigo de não ver o monaquismo no seu aspecto eclesial. Existe sempre o perigo de examinar os mínimos detalhes com o microscópio perdendo de vista a relação com o total, no nosso caso com a missão total do Cristo. Todo carisma, e **a fortiori** aquele monástico, deve ter como referência a Igreja.

Volta à inspiração do fundador

O segundo elemento da fórmula, a volta à inspiração de origem do instituto, é cheio de dificuldades. Geralmente a primitiva inspiração era muito condicionada pelas necessidades do momento histórico e pela cultura da época na qual o instituto foi fundado, e por isso não é fácil tirá-la sem o perigo de fazer desmoronar o conjunto.

Nem se pode afirmar que toda a história sucessiva de um instituto tenha sido afastamento da primitiva inspiração.

Muitas vezes foi um enriquecimento que não deve ser perdido. Por isso, é difícil valorizar este elemento, e cada grupo religioso deve fazê-lo conforme critérios algo diferentes. Para nós monges a Regra de São Bento tem uma significação diferente das regras das congregações modernas. São Bento não fundava um instituto religioso, uma congregação religiosa, mas tomava um fenômeno já existente, já florescente na Igreja e lhe dava uma marca particular sua; mas não era ele o inspirador deste fenômeno. Por isso, deve-se ver a regra como fruto de uma tradição já existente. A regra era uma codificação de uma tradição viva. A contribuição de S. Bento àquela tradição é imensa, e marcou toda a história sucessiva do monaquismo ocidental, porém a regra não é em si um documento completo. E nunca poderá sê-lo, porque deixa muitas coisas como se já fossem pressupostas, e na interpretação se baseia sobre a tradição viva, verificada especialmente nos **seniores,** na **pars senior,** em todos os membros da comunidade inclusive os mais jovens, e em modo particular no abade.

A regra não é portanto um documento fechado, mas uma partitura sobre a qual a orquestra deve improvisar sob a direção de um maestro. Presupõe então uma contínua inspiração e crescimento.

Hoje somos felizes por termos historiadores que se empenham em esclarecer a posição de S. Bento e da Regra dentro do movimento total do monaquismo.

Os recentes estudos sobre a regra começam a colocar sobre uma base científica a interpretação literária da Regra. Como nos estudos bíblicos se deve começar sobre essas bases, assim também no estudo da Regra. As pesquisas sobre outras manifestações monásticas no Oriente Médio nos dão uma mais ampla perspectiva do papel de Bento. Todavia não se pode dizer que todo o desenvolvimento monástico depois de S. Bento tenha sido um desvio da Regra, mas se vê que este desenvolvimento medieval, e também a reforma do século passado, não esgotam todas as possibilidades.

Estes estudos nos ajudam a julgar melhor aquilo que herdamos e ver que a tradição Monástica é ainda mais vasta do que pensamos. Ao mesmo tempo nos ajuda a descobrir de novo os elementos mais essenciais da tradição.

Perfectae Caritatis, falando sobre a vida monástica, preferiu, por isso, descrever vários momentos históricos da Tradição Monástica em vez de dar uma definição. Destes estudos históricos os valores evangélicos (que permanecem de uma maneira ou de outra constantes na história monástica, embora o estilo da vida se diferencie conforme a cultura e o lugar) deveriam emergir mais claros. O valor dos estudos sobre o monaquismo pré-beneditino e sobre a regra encontra-se no fato que ele revela a vida monástica no seu aspecto mais singelo e autêntico sob qualquer ponto de vista. De qualquer forma

podemos nos alegrar que estes trabalhos sejam realizados embora não nos apresentem um quadro totalmente completo.

Adaptação da vida religiosa à época atual

O terceiro elemento da fórmula de "aggiornamento" entra neste momento: a adaptação às novas condições da época. Muitas vezes infelizmente, os historiadores não são os homens mais chegados à tradição viva do monaquismo de hoje. Vivem muitas vezes num mundo irreal, ou então exageram algum detalhe ou tendência histórica conforme seu próprio gosto ou conforme as suas descobertas.

Parece-me que aquela adaptação aos tempos de hoje deve incluir o conceito da presença do Espírito Santo também nos membros da Igreja de hoje. Por isso não é sem valor conhecer como os monges de hoje sentem a sua vocação. Muitas vezes estes sentimentos são mais instintivos e não expressos claramente, mas são reais e devem ser levados em consideração. Isto significa que devemos nos escutar um ao outro. "Perfectae Caritatis" sabiamente exige para o "aggiornamento" da vida religiosa que todos sejam escutados. Isto não é uma concessão à democracia, mas a realização do princípio que o Espírito Santo age em todos e a favor de todos.

A nossa tarefa então é bastante complicada. Além de saber as origens da Tradição Monástica e a sua manifestação histórica, devemos também analisar os desejos, os ideais dos monges de hoje, isto é, da **pars senior**, daqueles que verdadeiramente buscam a Deus, como diz S. Bento.

Quanto a este terceiro elemento da fórmula de "aggiornamento" algumas congregações fizeram um trabalho corajoso na análise da situação atual. Porém não acredito que já tenhamos chegado a uma visão clara. Como sempre existe uma tendência a libertar-se do passado mais recente, existe uma reação contra muitos aspectos do monaquismo herdado que nos parecem embaraçosos e sem significação, triunfalísticos ou forçados. Mas permanece o problema de criar um estilo novo de vida, permitindo hoje de viver os valores monásticos evangélicos, que são uma parte essencial da nossa vocação.

Tamanha confusão apareceu na cena, talvez porque não tenhamos colocado bastante em evidência estes **valores** monásticos, que caracterizam a nossa vida. Por exemplo, o celibato. Se o celibato é um elemento essencial à nossa vida, como poderemos vivê-lo de modo a não fecharmo-nos numa total esterilidade afetiva? Ao mesmo tempo, como encontrar na nossa criatividade uma maneira profunda e cristã de usar toda esta energia?

Estou contente que o próximo congresso dos abades tenha a intenção de tratar do tema, experiência de Deus no contexto monástico de hoje, porque é uma busca positiva que atinge a essência da nossa vida: **quaerere Deum.**

Todos os meios citados na descrição da vida monástica — celibato, oração particular ou comum, vida comunitária, acolhimento da Palavra e meditação sobre o Evangelho — todos, digo, visam o mesmo fim: procurar a presença de Deus e a significação do seu Reino para nós hoje, a fim de que possamos participar de maneira digna da missão de Cristo.

O que os homens esperam dos monges

Queria acrescentar neste terceiro elemento um aspecto que não podemos negligenciar: isto é, o que os homens esperam de nós? Vejo que no questionário que foi enviado antes da reunião, se encontram estas e outras perguntas semelhantes. Muitos responderam que a vida monástica era quase desconhecida aqui na região de vocês. Posso assegurar-lhes que o mesmo se verifica por toda parte hoje no Terceiro Mundo, onde o monaquismo foi implantado recentemente. Pode, porém, ser uma vantagem para vocês.

Uma das dificuldades na Europa é muitas vezes a imagem que um mosteiro já adquiriu e as pressões por parte do clero e dos leigos exigindo de um mosteiro aquilo que ele não está mais em condições de fornecer, ou então que o liga a um nível social particular, ou a uma manifestação cultural já superada. Aquilo que os homens devem sempre esperar de nós é que sejamos pessoas que os ajudem a descobrir aquela presença de Deus jorrando das nossas vidas profundamente cristãs.

Enfim, embora em nosso "aggiornamento" tenhamos rejeitado formas culturais que hoje não nos ajudam a viver os valores monásticos de uma forma autêntica, sincera e simples, não nego que tenhamos muitas vezes feito confusão; rejeitando certas formas ou estilos de vida, temos dado a impressão de rejeitar também os valores monásticos que aí se exprimiam. Não terminamos ainda a busca positiva de um novo estilo de vida. Refletindo sobre estes valores e fazendo-os profundamente nossos, criaremos aquele novo estilo de vida.

O futuro, por isso, o vejo na busca destes valores monásticos, da sua base evangélica, na busca de um estilo de vida que os revele ao homem do século vinte. Tal busca de Deus e da significação da sua Palavra, da sua intervenção na história humana é dever de cada cristão; os meios específicos dos monges se resumem numa vida simples, pobre, celibatária, vivida em comunhão com os outros homens, todos voltados para a mesma busca, vivida no contínuo acolhimento da Palavra, vivida na contínua oração, vivida na contínua independência e libertação das inutilidades que ocupam excessivo espaço, produzidas pelo anseio de bens e de bem-estar.

Eis aqui em duas palavras o programa do nosso futuro. Tenho certeza que os diálogos durante estes dias ajudarão cada um a descobrir novos aspectos destes valores e a ver como vivê-los com maior intensidade.

A ORIGINALIDADE DO CARISMA DE DOM BOSCO

CLETO CALIMAN

Em todos os tempos homens extraordinários deixaram a marca de si na história. Dom Bosco, sem dúvida, foi um deles. Sua personalidade rica e exuberante e suas obras foram um sinal de Deus no perturbado século 19. Era então urgente superar a distância entre a fé e o mundo, entre a vivência religiosa e o progresso humano.

Como fugir de uma interpretação rotineira e formalista da fé? Como escapar à tentação de refugiar-se no passado glorioso e triunfante de uma Igreja saudosista, que negava a sua confiança ao progresso e ao futuro do homem moderno, enquanto lá fora, **no mundo,** as forças que geravam o futuro andavam por bem outros caminhos que não os de uma Igreja milenar? O diálogo com o mundo e sua análise secular da experiência humana não são elementos alheios ou mesmo insignificantes para a experiência da fé. Ao contrário, a fé é possível somente no chão deste mundo em que vivemos: numa encarnação sócio-cultural.

Santo é quem entende que a fé é um dom de Deus vivido no acontecer das esperanças mais comuns do homem que anda pelas estradas do mundo. Sabemos que não é possível medir a fé, mas ela se torna perceptível quando traduzida em empenho concreto para a construção de um mundo novo. Então podere-

mos **perceber** onde o Espírito age no interior mesmo do processo histórico. O Espírito faz desabrochar na história o sinal que o cristão perscruta à luz da fé.

O carisma exige um horizonte aberto para o novo

Para alguns parece que a história já acabou. Nada de novo pode surgir. Tudo é repetição ou já foi predeterminado pelos eternos desígnios de Deus (ou pela autoridade que os representa). A superação deste conceito negativo de história é importante para entender o lugar que devemos dar à dimensão carismática da Igreja no mundo. Na tensão entre instituição e carisma deve aparecer o lugar para o novo, para o não programado, para o original pessoal.

Se não há possibilidade para o novo, basta a lei. Mas a lei foi posta a serviço do homem novo, livre pela liberdade na qual fomos gerados em Cristo. Se isso for verdade, então deveremos criar não só uma linguagem da fé que nos torna livres, mas também, na realidade da vida, um **espaço de transgressão** da lei, enquanto letra que mata, um espaço de criatividade, que possibilite a superação da rotina, o progresso e a descoberta da própria liberdade criadora da história. Esse é o caminho da humanização, que, sob o ponto de vista da fé, assume as características de dom de Deus.

Falamos em **espaço de transgressão** como condição para a criação do novo na história. Mas como pode o homem ser original:

1.º) Diante de Deus? Há horizonte, por mais vasto que seja, em que o homem não se sinta como que invadido pelo poder onipresente de Deus, amesquinhado pela Sua vontade de preencher tudo e todos?

2.º) Diante do mundo de hoje? Diante da engrenagem dos sistemas não parece que o futuro permanece proibido, abafado? Não nos falta horizonte além do estabelecido, do programado, do planejado pelo homem do computador eletrônico e da tecnologia, o novo Deus?

Todas as vezes que as esperanças humanas são tolhidas e o homem impedido de construir um novo amanhã, nas pequenas e grandes situações; quando o homem se encontra sem caminho, perdido, surge a necessidade de um êxodo. O êxodo foi

um evento histórico que tornou possível, como ação de Deus, a libertação do povo hebreu, apesar da condição em que se encontrava: oprimido e sem futuro. O êxodo é um acontecimento ordinário de libertação na vida humana. A eficiência criadora do novo, apreendida como graça de Deus na história humana, gera no homem uma resposta: uma nova consciência de participação no processo histórico da salvação. Deus emerge, assim, na história como graça e libertação além de qualquer possibilidade humana.

Essa força de Deus, dom do Espírito, é o carisma. Ele faz o presente se abrir para o outro dia, traduz-se em serviço, numa linguagem operativa, pela qual Deus exprime sua eficiência libertadora, apesar dos nossos fracassos e desmazelos. Ele impede que um dado momento da história e da experiência humana da fé seja considerado como definitivo, obrigando a progredir e a encontrar novos caminhos para a humanidade.

Dom Bosco: um homem de Deus de seu tempo

Dom Bosco foi um desses homens, movidos por fé profunda, que descobriram a presença eficaz de Deus nos acontecimentos da história de seu tempo. Como sacerdote e como cristão procurou viver de maneira pessoal e original, como experiência única, o acervo de dotes pessoais e dons do Espírito, colocando-os a serviço da Igreja, vencendo a esclerose do tempo e apressando o futuro.

No emaranhado dos documentos de sua vida, de seus muitos escritos, das narrações dos seus admiradores e discípulos, surgiram às vezes interpretações fantasiosas dos fatos históricos e de suas qualidades, sem dúvida, excepcionais. Um estudo sereno e distanciado de sua vida e obras faz-nos ver um homem imbuído do espírito de seu tempo, compartilhando as vicissitudes e os defeitos de seu povo.

O Piemonte, onde nasceu e desenvolveu sua admirável obra, sofria profundas transformações estruturais na economia, na sociedade e na política. Os católicos viviam então o dilema: **Liberdade sem religião** da Revolução Francesa ou **religião sem liberdade** da Restauração. Cumpria unir liberdade e religião, progresso e fé. Dom Bosco procurou harmonizar durante toda a sua vida a tensão entre ambos: entre fé e progresso; a fidelidade ao passado da Igreja e a confiança no futuro do homem.

Distingue-o a preocupação de seguir os acontecimentos históricos de seu tempo: "É preciso, dizia aos seus salesianos em 1883, que procuremos conhecer os nossos tempos e nos adaptemos a eles." Diante dos fatos toma atitudes concretas e novas. Nisso absorveu o sentido de progresso do homem moderno, mas com o corretivo do apelo aos valores ético-religiosos. A partir deles devem ser julgados o progresso e, às vezes, também as involuções da história.

Encontro com a juventude

Participando ativamente de uma sociedade a caminho do desenvolvimento industrial, com as conseqüên-

cias do êxodo rural e da urbanização descontrolada, Dom Bosco percebeu logo qual era seu caminho, dentro das exigências de sua atividade, num encontro fortuito com o jovem Bartolomeu Garelli, perdido no anonimato da grande cidade.

Com uma grande sensibilidade para captar a originalidade das pessoas, de fazer amizades e incutir o sentido de colaboração, esse primeiro encontro com a juventude foi a bola de neve rolando nas colinas de sua terra. Aberto a todas as iniciativas que pudessem fazer frutificar seus dons carismáticos, ele viu na juventude a profecia do futuro: na educação da juventude está a chave das transformações que conduzirão para a nova humanidade. Quem está com os jovens está com o futuro. Contudo, parece válida também aquela outra afirmação de Ernst Bloch: quem tem o futuro tem também a juventude. Para isso é necessário prevenir o futuro com soluções audazes.

A intuição salesiana

Muitos elementos de sua religiosidade Dom Bosco os assumiu da cultura teológica e da religiosidade comum dos séculos 18 e 19, marcadamente de S. Afonso de Ligório. Mas a sua percepção fundamental do Evangelho, a alegre mensagem do amor vivido e demonstrado, passa através de Filipe Neri e Francisco de Sales.

Francisco de Sales procurou a unidade da fé com a vida. Não há dois compartimentos: um para a devoção e o exercício da fé dentro das paredes dos templos ou nos conventos, outro na vida comum e profana do cristão. Seu humanismo **devoto** procura valorizar a experiência religiosa no meio do mundo e no centro da vida. Ele procura formar o homem para o mundo, encarnando a fé na experiência do dia-a-dia através de um ideal de bom senso, orientado para o homem concreto, capaz de realizar a sua fé no êxtase do amor.

Faz, por assim dizer, entrar a fé no amor. Esse espírito **salesiano** de êxtase do amor, acentuando o empenho psicológico para chegar a ele, traduz-se em Dom Bosco num êxtase de ação demonstrativa do amor significado através do compromisso, da operosidade apostólica e educativa incansável, que faz tudo para realizar o bem e para que o bem seja percebido como sinal de amor carinhoso, não só de Deus, mas também do educador.

Um profeta sonhador com os pés no chão

O profeta experimenta Deus em sua vida como uma determinação existencial que decide sua sorte e seu destino. Experimenta-se como servo bíblico que não pode subtrair-se à sua missão. A consciência de sua missão impregnou Dom Bosco e todas as manifestações de sua personalidade, até as mais inconscientes. É notória a sua fantasia sonhadora. Mas até nos sonhos experimentava a força do dom de Deus que o impulsionava para novos empreendimentos. Dificilmente poder-se-ia explicar sua vida sem seus famosos sonhos. Eles são a objetivação de sua sensibilidade ao ambien-

te que o circunda, de como ele vive sua missão de ir ao encontro às "necessidades dos tempos".

Os sonhos não são para ele, como poderia parecer, fuga para um mundo irreal e fantástico, sem significado para sua existência, mas a comprovação suprema de que a totalidade de seu ser se encontra diante dos problemas reais que exigem resposta e empenho totais. Na vigília ou no sono: são vinte e quatro horas debruçadas sobre os problemas da vida. Dom Bosco não elabora um sonho sem significado, sem sentido. Eles têm função educativa de admoestação e de incentivo. Nascem geralmente do relacionamento simples e provinciano com seus jovens. Ele foi um profeta sonhador com os pés no chão.

Ele viveu a experiência imediata dos acontecimentos como emergência histórica da vontade de Deus que se manifesta. Sente-se guiado pela experiência do imediato. Nela se inspira para levar adiante seus empreendimentos, tateando de experiência em experiência, incapaz de sistematizar, de teorizar.

Para ele o melhor é inimigo do bom, pois, enquanto se espera para fazer o melhor, o bem deixa de ser feito.

Educador

Mas onde captamos de maneira especial o modo de ser original de Dom Bosco é no educador. Certamente, como sacerdote, no horizonte teológico e cultural de seu século, ele se preocupará sobretudo pela salvação eterna dos seus jovens. Nem por isso deixa de considerar que essa salvação está condicionada à sua ascensão cultural e social. A salvação do homem não se dá fora do seu compromisso concreto para a construção do mundo.

Diz um provérbio chinês: **enquanto o dedo aponta para a lua, o tolo olha para o dedo.** Muitos andam de olhos arregalados e pessimistas diante da explosão da juventude dos nossos dias. Enquanto a juventude aponta para o futuro, eles apenas conseguem perceber os defeitos dessa juventude. Dom Bosco também encontrou um ambiente em que muitos se perdiam no pessimismo de uma análise superficial da juventude que **se perdia** nos labirintos do progresso. O progresso, se dizia, perverte o homem, afasta-o de Deus e da religião.

Para Dom Bosco o que importa é arregaçar as mangas e por-se a trabalhar, olhando para a explosão

de futuro concentrada na juventude. A história, mais que um caminho percorrido, é um caminho a percorrer. A humanidade o vai projetando dia-a-dia. Ela surge da crítica ao mecanismo das repetições a-históricas, como criação do homem.

Dom Bosco, despreendido dos critérios formalistas da letra, com espírito livre, converteu suas energias em disponibilidade total, criando novos horizontes para a educação e a catequese do povo, e promovendo a juventude pelo "exercício da caridade para com os jovens pobres".

Educador popular

Como filho do povo, foi um educador popular. Recrutou seus colaboradores do meio do povo para a libertação religiosa e social do povo. Numa época em que democracia era palavra mágica e revolucionária, exigia-se mais do que uma atitude democrática formal, uma atitude democrática de vida, de sensibilidade popular. Não buscou colaboradores na aristocracia. Exigia uma sociedade religiosa em que os evangelizadores e educadores "serão procurados entre a enxada, a pá e o martelo".

"Que o povo seja evangelizado pelo povo." Assim ele suscitou por toda parte, através de sua larga influência, exercida pela sua capacidade de organizador e guia, vocações para o ministério eclesiástico, tanto para a sua congregação quanto, e até em maior número, para as igrejas diocesanas do Piemonte.

Seu zelo fê-lo abrir escolas dominicais e noturnas de alfabetização e catequese para jovens e adultos, admiradas por seus compatriotas. Lançou uma campanha de educação e catequese popular, atingindo com suas **Leituras Católicas,** algumas escritas por ele mesmo, ampla faixa da população.

Educador dos jovens, especialmente dos mais pobres

Hoje fala-se muito em subdesenvolvimento e em estado de pobreza institucionalizada a que estão sujeitas amplas faixas da população mundial. Surge então a pergunta: o que é pobreza? Mas esta pergunta é abstrata. O que existe é o homem marginalizado, o pobre. O nosso santo ia logo à realidade daquele que foi posto, por condicionamentos econômicos, sociais e

políticos, à margem das decisões que criam o seu futuro pessoal e da comunidade a que pertence.

O pobre é aquele que nunca escolheu, e deve ficar satisfeito quando executa e sofre o jogo dos grandes da política e da economia, que com uma única assinatura podem destruir o homem, seu trabalho, seu ganha-pão. O jovem pobre é vítima precoce do processo de marginalização, uma rosca sem fim. Ele nasceu pobre, vive pobre e certamente irá morrer pobre à margem da história.

No encontro com essa juventude à margem da sociedade, do Estado e da Igreja Dom Bosco descobriu sua vocação de educador. Baseando-se na experiência, formulou seu método educativo, resultado do encontro de um homem genial e ao mesmo tempo santo, de um estilo que ele conquistou com esforço e persistência, e de uma técnica, fruto de contínua reelaboração crítica. Foi, pois, um método intuído, vivido e sofrido nas longas canseiras ao lado de seus maiores amigos, os jovens.

Aos nove anos aprendera no primeiro de seus famosos sonhos:

— Não é com pancadas, mas com mansidão e caridade que deves conquistar esses teus amigos. Começa a catequizá-los sobre a fealdade do pecado e sobre a beleza da virtude.

O educador não se faz de um dia para outro, mas com a observação constante e com a experiência do trato diário e pessoal com os educandos.

Bem pequeno ainda — confessa ele em suas Memórias autobiográficas — já estudava o caráter dos meus companheiros. Bastava fitar o rosto de algum deles, para ler os seus pensamentos mais íntimos.

Característica de sua personalidade de educador era a facilidade de conquistar as simpatias e criar relações de camaradagem e amizade com qualquer que fosse. Desta forma, jovem ainda, fundou uma "Sociedade da Alegria": "Com o prestígio de que gozava no meio de tantos companheiros, fácil me foi levá-los a concordar no seguinte: **1**. Todo membro da Sociedade da Alegria deve evitar qualquer conversa ou ato impróprio de um bom cristão. **2**. Deve ser exato no cumprimento dos deveres escolares e religiosos." Assim preparava-se para o futuro.

Não é que ele tenha inventado novos métodos de educação. Os rumos da educação nova já estavam despontando nas grandes correntes de pensamento que marcaram os tempos modernos. Tanto o iluminismo (apreço à razão), quanto o romantismo (bom senso e otimismo) tentavam uma renovação da escola e dos métodos educativos. Mesmo no círculo dos educadores religiosos precedem-no:

Filipe Neri (exaltação da alegria);

Francisco de Sales (primado da amabilidade);

Carlos Borromeu (gênio organizador de obras educativas);

João Batista de la Salle (um novo estilo de educação cristã).

Propriamente a originalidade de Dom Bosco está na sua personalidade: no modo como personaliza os diversos ingredientes religiosos e profanos que a história da pedagogia lhe oferece, como resposta a uma situação de emergência histórica.

No exercício prático da educação mesclam-se os componentes básicos: **1) Religião:** uma pedagogia teológica, sem pietismo, equilibrada; **2)** a **razão** e o bom senso, no interesse pelo destino terreno de seus jovens, sua profissão e responsabilidade futuras; **3)** uma **amabilidade** sentida e experimentada pelos educandos; **4) familiaridade:** "A familiaridade gera o afeto e o afeto gera a confiança."

Diante da amabilidade realista e concreta de Dom Bosco, o jovem sente-se livre, aberto. A alegria é o resultado de uma visão sadia e cristã da vida. A ação educativa é assumida então pelo jovem como pessoal, sem ressentimentos, sem distância, como uma maneira de se exprimir dentro de uma disciplina interior. A ordem passa a ser não o formalismo das disposições, mas o empenho responsável do jovem em sua tarefa diária.

Para quem visitasse o Colégio de Valdocco, o seu Oratório, aquilo parecia um caos, uma desordem, um instituto sem disciplina. Para Dom Bosco aquilo era como um estaleiro de navios ou um cortiço de abelhas, onde cada qual se manifestava com plena liberdade. Uma única coisa devia ser evitado: fazer o mal. O apelo ao sentido moral dos jovens era fundamental. Seu sistema de educação fundamenta-se justamente no apelo aos valores e no relacionamento pessoal entre o educando e o educador. Sem isso não há educação para Dom Bosco.

Profundamente cristão, Dom Bosco foi um educador da fé e para a fé. Tinha a consciência de exercer um serviço carismático a partir do dom do Espírito Santo, o educador principal. O educador deve deixar-se invadir pelo Espírito.

Místico?

Certas certezas vividas e experimentadas por Dom Bosco só poderiam ser explicadas por um fato místico vivido em seu íntimo, que ele projeta como uma proclamação da necessidade da fé na obra educativa, entendida como uma presença constante e interior de Deus. Todos os seus empreendimentos nascem de sua convicção profunda de ser guiado por Deus, um tipo de messianismo próprio de seu

tempo. A fidelidade ao Espírito não é porém estática, mas dinâmica e realista. Ele mesmo dizia: "Fui indo para a frente como o Senhor me inspirava e as circunstâncias o exigiam." O definitivo para ele é a presença de Deus em sua vida, o critério supremo de suas decisões.

Essa vivência interior do Espírito de Deus dava-lhe uma capacidade extraordinária de inspirar e gerar experiências religiosas em seus jovens.

Fundador

Que Dom Bosco tenha sido um homem carismático não temos dúvida. A sua vida nos dá a evidência disso. Assim "a intensidade da iniciativa divina nele", rezam os Atos do XX Capítulo Geral dos Salesianos realizado em 1971, "manifesta-se não somente em sua santidade pessoal, mas também na sua obra de fundador".

Por mais carismático que seja o contexto em que nasce uma obra humana, chega o momento em que ela deve organizar-se em vista à sua continuidade. O carisma de Dom Bosco se alargou em tantas iniciativas que não poderiam morrer com ele. A história mesmo indicou-lhe o caminho para assegurar essa continuidade. O atomismo das iniciativas humanas, a limitação e a provisoriedade dos indivíduos só podem ser superados mediante uma institucionalização.

O fundador de um movimento histórico não se improvisa. Ele se forma no confronto com as realidades. Jovem ainda, João Bosco, decidira fazer-se franciscano, mas acabou no seminário de Chieri, onde viveu o clima conventual dos seminários de então, clima marcadamente rigorista, de inibição afetiva, contradizendo o seu temperamento. Como sacerdote, em Turim, teve o apoio de seu arcebispo, mas seu Oratório viveu a instabilidade do tempo e dos sucessivos transplantes.

De experiência em experiência, não sem fracassos e desenganos, foi criando as bases de sua futura congregação. Mas que congregação, se o governo decretara a supressão das ordens e congregações religiosas? O mesmo ministro Rattazzi que fizera aprovar anos antes a lei de supressão aconselha-o:

— Na minha opinião devereis escolher alguns homens de confiança, leigos e eclesiásticos, formar com eles uma espécie de sociedade com seus estatutos, comunicar-lhes vosso espírito, ensinar-lhes vosso sistema, de modo a serem não apenas ajudantes, mas continuadores da obra quando vierdes a faltar.

Diante da Igreja, religioso. Diante do Estado, cidadão livre. Isso era novidade para a época.

Antecipando-se aos "institutos seculares", hoje recomendados pela Igreja, achava que "qualquer pessoa, mesmo vivendo no século, na própria família, pode pertencer à

nossa sociedade". Previra um noviciado como "um estágio nas obras de caridade próprias da Sociedade Salesiana". Não compreendia que se pudesse formar um religioso fora da vida, fechado durante um ou dois anos dedicados a exercícios ascéticos desligados do mundo circundante. Mas nem todos os seus planos eram para o seu tempo e, por força dos **arredondamentos** exigidos então por Roma, pôs-se a caminho de uma congregação clássica da época pós-tridentina.

A figura do frade estava então sob a mira da opinião pública, mais ou menos como hoje certo tipo de padre **à Don Camillo.** Para Dom Bosco as convenções sociais não eram problema. O que lhe interessava é fazer o bem, com ou sem hábito, com ou sem a barba, cabeludo ou não. "Serão religiosos em mangas de camisa, trabalhadores e alegres." Não se dedicarão a muitas práticas religiosas em comum, mas em compensação deverão empenhar-se no trabalho árduo, no exercício de uma caridade operosa e efetiva, no cumprimento dos deveres gerais do cristão.

A opinião pública de seu tempo estava impregnada pela mística do trabalho, própria dos tempos modernos. Ele queria que a vida religiosa na sua sociedade fosse funcional. "Estamos em tempos nos quais é preciso operar. O mundo tornou-se material, por isso é preciso trabalhar e fazer o nosso trabalho conhecido." Não negligenciava a propaganda, e às vezes até exagerava. Afinal, para que existem as figuras de gramática?

Assim, como fundador, Dom Bosco legou-nos, a serviço da edificação da Igreja, os aspectos permanentes de seu carisma pessoal. Seu carisma de apóstolo e educador vive e continua na grande família salesiana que ele gerou. Nós sabemos, no entanto, que o Espírito desafia-nos a enfrentar o mundo atual com a mesma liberdade, audácia e originalidade de Dom Bosco.

Celebrando a Assunção de Maria

ALEIXO MARIA AUTRAN

"A Virgem Maria foi assunta aos céus, rejubilam-se os anjos, e entre canticos e hinos bendizem ao Senhor".

Assim canta a liturgia do dia 15 de agosto, ao celebrar a festa da Assunção de Nossa Senhora, evocando aquele acontecimento que pôs remate à sua existência terrena.

Qual o sentido profundo dessa festa marial? Que mensagem traria para a vida religiosa dos que, hoje em dia, tomam a Virgem Maria como ideal de santidade e de doação?

A ASSUNÇÃO: UMA REDENÇÃO TOTAL

Nós, cristãos, somos de fato privilegiados. Foi-nos revelado o próprio mistério de Deus, o seu desígnio com relação a tudo o que existe e à nossa própria sorte eterna. Em Jesus Cristo, Deus se fez tão próximo a nós, que nos tornamos seus confidentes e parceiros na realização, através da História, desse desígnio de amor, escondido desde sempre no coração do Pai e maravilhosamente revelado na Páscoa de seu filho.

É quase inacreditável. Deus é Amor. E sabemos disso. Ele nos amou primeiro e . . .

"escolheu-nos, antes da criação do mundo, para que fôssemos santos e imaculados em sua presença. Predestinou-nos para sermos filhos seus em Jesus Cristo, cumulando-nos nele com todas as suas bençãos. Nesse Filho fomos redimidos de nossos pecados, mediante uma efusão de seu sangue, e fomos selados com o seu Espírito Santo, penhor de nossa herança celeste... enquanto esperamos a completa redenção daqueles que o Senhor adquiriu para o louvor de sua glória."

Essas palavras do apóstolo Paulo na carta aos efésios podem ajudar-nos a penetrar um pouco no mistério da Assunção de Nossa Senhora e compreender a sua dimensão "social", isto é, a sua incidência de graça na vida da Igreja, em nossas vidas.

De fato, se excetuarmos a Ressurreição de Jesus, é a Assunção da Virgem Maria a suprema e primeira realização dessa "redenção completa" que ainda aguardamos na esperança para toda a humanidade.

Em uma Mulher de nossa raça, nossa irmã de sangue, mãe de Jesus segundo a carne, a pessoa humana, em sua integridade foi glorificada, redimida, em corpo e alma, do pecado e da morte. Já participa plenamente de todos os efeitos do amor de Deus que nos salva em Jesus Cristo...

Depois de ter peregrinado na fé, por entre as múltiplas aflições que juncaram sua estrada redentora, a humilde Virgem de Nazaré foi ASSUMIDA na glória de seu Filho ressuscitado.

Nada mais falta à sua realização humana em Deus, nem sequer a dimensão corporal de sua Pessoa.

Ei-la eternamente bem-aventurada, eternamente redimida pela força onipotente do Amor Salvador de Jesus, eternamente possuída e transformada pelo Espírito que ressuscitou a Jesus dentre os mortos e que, um dia, vivificará nossos corpos mortais.

O termo "assunção", bem o sabemos, significa o ato de assumir ou de ser assumido. Deriva de "ad-sumere = assumir = tomar consigo, tomar para si.

Deus assumiu a Pessoa de Maria, tomou-a consigo, fazendo-a entrar antecipada e definitivamente (assim o cremos) na plenitude do Cristo glorioso.

É nessa ação realmente maravilhosa da Santíssima Trindade, integrando a Imaculada na atual condição do Cristo ressuscitado, que consiste propriamente a glorificação singular de Maria, a sua ASSUNÇÃO EM CORPO E ALMA à glória dos céus, como se costuma dizer.

A festa do dia 15 de agosto poderia ser chamada de... "festa da Redenção Completa de Maria", festa de sua consagração definitiva e eterna ao Amor de Deus.

A ASSUNÇÃO:
UMA CONSAGRAÇÃO ETERNA

Essa ASSUNÇÃO final de Nossa Senhora, sem deixar de ser uma intervenção escatológica, e, por conseguinte, absolutamente gratuita e imprevisível de Deus na vida de sua serva, nem por isso foi menos preparada e antecipada (precedida) por inúmeras outras "assunções" que pontilharam toda a vida da Mãe de Jesus.

Maria foi sempre toda de Deus, somente dele. Basta lembrarmos o sinal inequívoco de sua virgindade voluntária, total e perpétua. Escolhida para humanizar o Verbo, mediante sua maternidade livremente assumida na fé e na caridade, Maria já começou a existir como pessoa na "assunção" de uma redenção antecipada: foi a sua Imaculada Conceição. Deus assumiu a existência de Maria no momento mesmo em que era criada, e consagrou-a no Espírito Santo, preservando-a de toda mancha do pecado original, a fim de que Ela fosse toda dele e somente dele desde o início.

Mas o Amor de Deus é criador, e por isso mesmo exigente. Pede e suscita reciprocidade, correspondência, dom total, fidelidade constante e crescente; cria um dinamismo de ascensão na força do Espírito Santo.

A imaculada conceição possibilitou a Maria a capacidade de responder ao Senhor por um dom total de si mesma. Toda a vida consciente de Maria desenvolveu-se na linha da fidelidade à sua vocação original. Para ela, dar-se ao Senhor era acolher o seu dom vocacional, a sua graça redentora, que um dia, em suas entranhas virginais se personalizaria em Jesus Cristo, o Verbo encarnado.

Da Anunciação ao Calvário, do Cenáculo à hora de sua "dormição", foi constante o FIAT de acolhimento maternal com que a alma de Maria foi comungando, cada vez mais, com o mistério de seu Filho encarnado, morto e ressuscitado para a glória do Pai.

Assim, de "assunção em assunção", de "graça em graça", Maria Virgem chegou à redenção final, optando definitivamente pela comunhão eterna com o Amor. Tal foi o sentido de sua morte e de sua glorificação na e pela morte corporal.

O mistério marial da ASSUNÇÃO significa, como vimos, uma consagração religiosa. A mais perfeita possível depois da consagração do Cristo ao Pai. Consagração para a eternidade, iniciativa do Pai, fruto da Redenção de Cristo e ação maravilhosa do Espírito, que tudo renova na força de seu Amor. Consagração perfeitamente acolhida pelo coração agradecido de Maria, e cujos benefícios para o mundo se traduzem em termos de uma presença orante, intercessora em nosso favor, dessa Mulher glorificada junto do Altíssimo.

A ASSUNÇÃO:
EM NOSSA VIDA RELIGIOSA

Sim, tudo isso aconteceu (podemos dizer, no realismo da fé) para que a Igreja tivesse em Maria, sua Mãe e Protótipo, uma evidência. A evidência da ressurreição glorificadora de nossas existências. A evidência do "viver em Cristo" até as últimas conseqüências. Em Maria, como em Jesus Ressuscitado, fica demonstrado que já não é a mesma a condição da criatura humana: mudou o seu relacionamento com Deus; não está mais privada da Sua glória.

Ser religioso é engajar a própria vida no dinamismo pascal desse novo relacionamento; é entrar numa linha de "assunção": vida só para Deus; fidelidade às moções do Espírito; santificação progressiva na esperança.

Olhando para a Virgem ASSUNTA AOS CÉUS, toda a Igreja, e especialmente os religiosos, sentirão renascer em seus corações o apelo do Senhor às coisas do alto. Mais ainda, sentirão a coragem de subir sempre, de ir sempre mais longe na caminhada para Deus, pois contam com a ajuda onipotente da Mãe glorificada, cujo coração só tem uma aspiração: ver que Deus é tudo em todos.

Que Ela nos ensine a corresponder melhor a essa vocação suprema; e que nós, como Ela e com seu auxílio, nos deixemos empolgar, trabalhar, assumir e transformar pelo Amor proveniente do Deus que escolhe, chama, justifica, santifica e glorifica os seus servos.

Contribuição dos Religiosos e Religiosas Estrangeiros à América Latina

Este trabalho é uma conferência do teólogo salesiano, Pe. Egídio Viganó, pronunciada num encontro de Provinciais masculinos e femininos, em Roma, julho 1972. Neste encontro estiveram presentes sete representantes da CLAR, Confederação Latino-Americana de Religiosos. Pelo Brasil participou Frei Constâncio Nogara. O autor da conferência, além de bom teólogo, foi provincial no Chile e é atualmente Assistente Geral. O tema em questão é de escaldante atualidade, visto termos no Brasil 49,95% de sacerdotes estrangeiros e 15% de religiosas.

1. PREMISSA

Analisemos antes de tudo alguns pressupostos que acreditamos já desenvolvidos nos temas anteriores.

1.1. A Hora da América Latina

Na Segunda Conferência Episcopal Latino-Americana, em Medellin, os Bispos afirmaram:

— Cremos encontrar-nos em uma nova era histórica. **Mensagem aos Povos da América Latina.**

— É preciso agir. Esta não deixou de ser a hora da palavra, mas tornou-se, com dramática urgência, a hora da ação. É o momento de inventar com imaginação criadora a ação a ser realizada. Estamos no umbral de uma nova época da história de nosso continente. Época plena de um desejo de emancipação total, de libertação de qualquer servidão, de maturidade pessoal, de integração coletiva. Notamos aqui os prenúncios do parto doloroso de uma nova civilização. **Introdução 3 e 4.**

Esta é, então, uma hora especial para a América Latina. Em tal escolha, é preciso considerar conveniente, também urgente e necessário ao menos para o próximo decênio que os religiosos e as religiosas da Itália e da Europa preocupem-se de enviar à América Latina pessoal qualificado, embora isso deva requerer deles grandes sacrifícios.

Seria pelo menos imprudente sustentar a tese contrária.

De outro lado, há uma observação muito importante a acrescentar neste sentido. Falar da **hora da América Latina** não é um slogan que se pode interpretar como uma espécie de **complexo de superioridade**, como se se tratasse de ajudar urgentemente os subdesenvolvidos. Não! Não!

Não obstante ser verdade que a América Latina tem modalidades próprias e originais, pertence certamente a este bloco cultural chamado Ocidente e não pertence a ele passivamente, porque não se pode reduzir tudo à economia e à técnica.

Quando os Bispos latino-americanos nos afirmam que o Continente está no umbral de uma nova época histórica, falam-nos de uma mudança cultural que influirá ao menos em todo o Ocidente. Participar, portanto, da problemática latino-americana é auscultar de mais perto uma voz do futuro.

Uma congregação religiosa empenhada na América Latina terá que enfrentar, sem dúvida, problemas delicados e difíceis, mas disso receberá não poucas vantagens para sua renovação e para re-atualização do próprio carisma.

A Hora da América Latina é uma hora universal que fala a todos nós e nos ensina a ser religiosos para amanhã. Deus fala através da problemática latino-americana e nos ensina a procurar e a encontrar soluções novas.

1.2. Solidariedade histórica

Pelo passado é indiscutível que o patrimônio espiritual e de fé da América Latina está fortemente vinculado às obras maciças dos Religiosos e das Religiosas estrangeiros. Sem tal ajuda não se explicaria o cristianismo do Continente, embora seja preciso admitir, certamente, falhas.

No futuro, particularmente nos próximos dez anos, seria um contrasenso romper uma solidariedade histórica baseada em uma maternidade eclesial, a intrínseca fecundidade da **Ecclesia Mater,** e uma tradição comum de densidade histórica, que é anterior e mais forte do

que possíveis objeções deduzidas superficialmente da atual maturidade sócio-cultural.

1.3. As exigências da eclesiologia conciliar

A maternidade eclesial que mencionamos agora, não pode traduzir-se por maternalismo, mas deve assumir com clara consciência e com empenho pastoral renovado, as novas dimensões eclesiológicas do Vaticano II.

De tais novas dimensões é útil lembrar ao menos duas:

❖ O sentido concreto da Igreja Particular e Local, com todas as implicações da Pastoral de Conjunto a serviço concreto dos povos latino-americanos.

❖ A justa avaliação da natureza carismática da vida religiosa, com aquilo que comporta de identidade vocacional, de iniciativa e de especialização em alguns serviços, pelos quais os religiosos deveriam, na Igreja, apresentar um pensamento de futuro em vez de parecer antes como elementos mais conservadores.

2. PROBLEMAS

Para ter uma visão realista da ajuda que poderão dar os Religiosos e as Religiosas estrangeiros à Igreja da América Latina nos próximos anos, é preciso considerar, à luz dos temas anteriores, alguns problemas concretos que se apresentaram e se vão apresentando.

Enumeremos os mais úteis à nossa reflexão.

2.1. Colonialismo religioso, pastoral e cultural

A palavra colonialismo poderia ser considerada como apreciação depreciativa do passado. Não é este o sentido que entendemos dar-lhe. Queremos identificar claramente um problema, com um termo diretamente expressivo.

Os Religiosos e as Religiosas estrangeiros, como pessoas e também como institutos, não raras vezes, trouxeram à América Latina a mentalidade e a metodologia dos países de origem. Não souberam valorizar plenamente a realidade local e assumir uma verdadeira solidariedade cultural. Houve, de fato, certo complexo de superioridade que, unido à falta de preparação específica, remota e próxima, levou a uma carência de realismo pastoral. Isto se manifesta em dois sentidos opostos:

❖ Em sentido conservador do **statu quo** pelo qual os religiosos e as religiosas ficam em dissonância com as urgências da hora continental.

❖ Em sentido progressista desequilibrado que viu religiosos e religiosas empenhados em contestações eclesiais e sociais impróprias. Este defeito facilitou uma reação de certa mentalidade nacionalista

da parte de religiosos e religiosas autóctones que veio complicar e agravar o problema.

2.2. Uniformidade e centralismo

Partindo de uma falsa e anacrônica interpretação do conceito de isenção, apresentou-se a unidade de cada Instituto Religioso sob exigências exageradas de uniformidade e com estruturas demasiadamente centralizadas. Isto provocou um duplo inconveniente:

1.º) De um lado, um defeito de inserção e de solidariedade com o ambiente eclesial e humano do lugar, desadaptação pastoral e pouca abertura às novidades e urgências dos problemas locais.

2.º) De outro lado, uma forte reação de pluralismo e de descentralização que ameaça a unidade vital dos Institutos e sua concreta e eficiente comunhão e, em definitivo, a permanência mesma das estruturas da vida religiosa.

2.3. Ambigüidade carismática

Uma outra reação ao defeito da uniformidade e da centralização trazida pelos institutos estrangeiros é a tendência atual de prescindir da própria e específica identidade carismática na Igreja, parando num minimalismo teológico, ambígüo, porque genérico como um mínimo denominador comum.

Este perigo, considerado no âmbito de novas exigências da Pastoral de Conjunto, suscita uma divergência de atividade pastoral, de tipo de espiritualidade religiosa às vezes sugestiva e certamente digna de interesse, mas que implica em mais de um religioso, uma unilateralidade vocacional, e, portanto, uma perda de identidade carismática. Convém lembrar que não existem os religiosos ou a vida religiosa em geral, mas determinados institutos e determinadas comunidades, com espírito próprio, com uma missão específica, com uma tradição histórica que dá a cada um fisionomia própria muito mais concreta e realista do que o mínimo denominador comum teológico.

2.4. Dificuldade no empenho promocional e social

Os cinco primeiros documentos de Medellin se referem à renovação da presença da Igreja na promoção humana dos povos da América Latina. Os religiosos e as religiosas são particularmente chamados para este trabalho.

Em várias nações eles constituem o contingente principal da atividade pastoral; uma não pequena porção deles é constituída por pessoal estrangeiro. Confira-se **Estudo sociográfico dos religiosos e religiosas da América Latina,** Convergência, 1972, de janeiro a junho.

Isto comporta toda uma problemática de:

❖ Esclarecimento e senso de empenho promocional e político dos religiosos.

❖ Fidelidade à própria vocação de serviço em situações difíceis de regimes políticos exasperados de direita ou de esquerda.

❖ Solução das objeções contra as obras de serviço assistencial e escolar.

❖ Atualização do conteúdo da pobreza religiosa e conseqüente recolocação social das comunidades e revisão profunda das obras.

2.5. Superficialidade e Imediatismo

A particular aceleração das transformações e das mudanças na América Latina traz consigo uma tentação de impulsividade e de pragmatismo, que se traduzem nos grandes perigos do **horizontalismo** (identificação da promoção humana com a evangelização); do **secularismo** (identificação dos sinais dos tempos com a revelação); do **defectismo institucional.**

Na América Latina são poucas as forças dedicadas a uma contemplação realística e a um repensamento original teológico e pastoral segundo as situações continentais.

É preciso revalorizar, renovar e readaptar às necessidades específicas da América Latina, o patrimônio carismático dos institutos contemplativos e daqueles especialmente dedicados a serviços de reflexão cristã.

Este aspecto deverá também influir sobre o envio de pessoal religioso, não para frear, mas para acerar e assegurar uma colaboração válida neste campo. Esta é uma perspectiva não de curto prazo, mas de longo. Não de numeroso, mas escolhido pessoal. É uma prospectiva de particular importância qualitativa.

A falta de grandes linhas orientadoras cristãs apresentadas por centros sérios e profundos de reflexão, pode desorientar a ação pastoral e as iniciativas sociais e políticas dos cristãos.

3. TAREFAS

O gênero de atividades e de obras indicadas por religiosos e religiosas estrangeiros na América Latina são múltiplas e deixam um campo aberto a todas as iniciativas e a todas as vocações. Se quisermos tomar como base de indicação geral os dezesseis documentos de Medellin, poderemos indicar três grandes áreas para as tarefas a assumir:

1. **A promoção humana:** justiça, paz, família, demografia, educação, juventude.
2. **A evangelização e o crescimento da fé:** pastoral popular, pastoral das elites, catequese, liturgia.
3. **A Igreja visível e suas estruturas:** movimento de leigos, sacerdotes, religiosos, formação do clero, pobreza de Igreja, pastoral de conjunto, meios de comunicação social.

Há lugar para todos os carismas. Creio ser importante, em uma reflexão como a nossa, não prescindir das possibilidades em vista dos esquemas e das prioridades preparadas talvez mais com visão sociológica do que com fidelidade teologal e docilidades às iniciativas do Espírito Santo.

De qualquer modo, há duas observações que não podem ser omitidas na escolha das tarefas:

a) A necessidade de partir da consideração das urgências concretas da região onde se fará o trabalho, ou seja: prioridades das necessidades atuais de destinatários.

b) A fidelidade à vocação do próprio Instituto na Igreja, reatualizando sua dimensão carismática e reformando suas estruturas de vida e de trabalho.

Depois disto, escolhemos, sem pretensão exclusivista, três grandes tarefas de particular urgência, uma para cada área indicada pelos bispos latino-americanos em Medellin.

3.1. Educação libertadora

O episcopado latino-americano afirma que a renovação da educação deve considerar-se como um **meio-chave** para libertar os povos do Continente do subdesenvolvimento e de tantas injustiças produzidas pelo pecado.

Eis uma grave tarefa para numerosos religiosos e religiosas. Vários já estão empenhados nesta área. Mas, em certo sentido, tudo deve ser revisto e renovado.

Quando se fala de educação libertadora é preciso lembrar-se de que se trata:

❖ De uma **educação permanente** que não se limita a uma idade, mas que tem em vista o homem de hoje como responsável e agente principal de seus êxitos e de seus fracassos. Isto implica toda uma nova pedagogia: conscientização, pedagogia de diálogo, andragogia.

❖ De uma **educação criadora** que deve saber antecipar o novo tipo de sociedade exigida pelos sinais dos tempos.

❖ De uma **educação existencial** que não se identifica simplesmente com os instrumentos de formação sistemática — escola, colégio, universidade — mas que sem desprezar tais instrumentos se abra a novos setores de atividade formadora.

❖ De uma **educação profundamente renovadora** da escola no sentido indicado pelo quarto documento de Medellin.

Os setores preferidos neste setor da educação libertadora como prospectivas de futuro são:

a) A classe popular: operários, camponeses, marginalizados, os analfabetos, os indígenas.

b) Os jovens mais pobres, tão numerosos no Continente.

c) Os intelectuais: centros universitários, arte e cultura, meios de comunicação social, enquanto influem concretamente na orientação promocional do povo.

Tudo isto implica nos candidatos religiosos, além de uma formação remota, uma cuidadosa preparação próxima no lugar, seguida de uma inserção em equipes locais de trabalho.

3.2. Evangelização e catequese

Na América Latina há uma necessidade urgente de uma reevangelização substancial da cultura, levando em conta, de um lado, toda a complicada gama pluricultural da religiosidade popular, e, de outro, o crescente processo de secularização-

ção e de tentação atéia, sobretudo nos centros urbanos.

Se realmente se assiste ao nascer de uma nova era histórica para o Continente, isto significa que se está gestando uma nova cultura que se encarnará em forma original a fé da tradição. Eis porque se abre o campo de novos setores para a atividade evangelizadora:

— Escolas da fé onde se repensa em forma atual a substância da mensagem evangélica.

— Evangelização da cultura nascente como resposta salvadora aos sinais dos tempos e sempre em diálogo com uma situação pluralista.

— Desenvolvimento progressivo de uma catequese integrada e empenhada nos grandes problemas do mundo latino-americano, à luz de Jesus Cristo, centro vivo da história.

3.3. As vocações locais

Estamos aqui diante de uma situação de crise particularmente grave e bastante complicada. Para reagir e superar o impasse é preciso, antes de tudo, esclarecer a identidade global da vocação de cada Instituto religioso na Igreja da América Latina.

Eis um primeiro setor fundamental de trabalho: como realizar a renovação global de cada instituto religioso segundo as exigências concretas da Igreja no Continente, apresentando um estudo concreto de descentralização e de atualidade carismática.

Além disso, é bastante urgente empenhar-se na renovação da dimensão vocacional da pastoral em seu duplo aspecto: 1.º) Desenvolver e cuidar dos germes da vocação nas pessoas. 2.º) Formar convenientemente novas turmas de religiosos locais.

Nestes diversos setores de renovação há um lugar especial para o envio de pessoal qualificado.

4. PROSPECTIVAS

Será conveniente pensar em dois tipos de relacionamento que devem existir entre as organizações religiosas latino-americanas e as organizações dos países donde vem o pessoal.

4.1. Antes de tudo parece-nos particularmente importante um relacionamento permanente e qualificado entre cada Cúria Generalícia que se preocupa do envio dos seus religiosos e as províncias que recebem este pessoal.

Este fato, além de consolidar a unidade carismática, suscita um generoso senso missionário e um despertar vocacional em todo o instituto, sobretudo se se cultivam as comunicações entre províncias que enviam e províncias ajudadas. Não se deveria cortar as pontes. Seria cortar os religiosos enviados de suas comunidades provinciais de origem, evitando, porém, que tal relacionamento possa de qualquer modo impedir a verdadeira encarnação dos enviados na sua nova pátria.

4.2. Parece-nos particularmente útil estudar as relações que devem manter-se entre as Conferências dos Religiosos do país que envia e aquelas do país que recebe e também com a CLAR, para enviar e eventualmente atualizar as orientações que podem parecer mais oportunas.

Aqui, porém, será preciso ser realista e melhorar a eficiência das Conferências dos Religiosos. Na América Latina, por exemplo, não conhecemos estatísticas para a Europa, somente 19,21% dos religiosos e 17,5% das religiosas têm uma verdadeira participação ativa nas respectivas Conferências Nacionais. Cf Convergência, de janeiro a junho/72: **Estudo Sociográfico dos Religiosos e das Religiosas na América Latina.**

De qualquer modo este é um campo no qual é necessário empenhar-se e progredir. Poderá a CLAR, em forma continental, e as Conferências Nacionais em seu âmbito, indicar concretamente prioridades de atividades, de lugares, de obras, de diversos tipos de qualificação mais urgentes.

Poder-se-á também prover a uma conveniente preparação e atualização dos religiosos e das religiosas, a uma melhor distribuição geográfica, a fortalecer e criar centros especiais de reflexão e de formação. Há hoje desproporção de número e pouca estratégia de empenho dos religiosos e das religiosas nos vários países latino-americanos.

Citamos, por exemplo, uma iniciativa do Brasil. Na ocasião do plano da conquista da Amazônia, com a abertura da grande artéria transamazônica, se iniciou um movimento de missionários protestantes que logo se apresentaram nos pequenos centros que crescem rapidamente nas margens da grande estrada. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil ficou preocupada com esse problema e está buscando a solução.

Este exemplo nos leva a refletir, para concluir, que o relacionamento de que falamos deve ser pensado concretamente à luz das relações entre as Conferências dos Religiosos e as Conferências Episcopais e entre os Institutos Religiosos e as Igrejas particulares e locais.

MEUS ENCONTROS NO BRASIL

Não era a primeira vez que visitava o Brasil. Venho seguindo, há anos, com interesse, os acontecimentos brasileiros. Mas assim mesmo é com trepidação que revelo estas impressões a que cheguei depois de variados encontros: São Luís, MA; Salvador, BA; Teófilo Otoni, MG; Teresópolis, RJ; Orizona, GO. Minha hesitação não se refere apenas aos que me podem ler, mas sobretudo às limitações de minha experiência. Poucos meses, mesmo se fosse um ano, seriam pouco tempo para se pretender entender um povo e uma Igreja. Acrescentem-se ainda as avaliações e os pareceres divergentes dos meus.

Feitas estas delimitações, sinto-me na obrigação de manifestar minhas impressões, como uma contribuição para a reflexão e a busca comum. E o mesmo esperam os muitos amigos brasileiros.

MÁRIO AGAZZI

Como vi a Igreja no Brasil

O que mais impressiona é a diversidade. Há dioceses e paróquias que decididamente caminham para

uma Igreja "autenticamente pobre missionária, pascal, desligada de qualquer poder temporal e audaz mente comprometida com a libertação do homem todo e de todos os homens" (Medellin), enquanto outras dioceses e paróquias vivem como se o Concílio e Medellin devessem ainda acontecer.

Por que esta diversidade?

A situação humana e social varia do Amazonas ao Nordeste, do planalto central ao Sul, do litoral ao interior, das cidades às zonas rurais. Uma vez em crise o tipo de organização eclesiástica à européia, artificialmente transplantada ao Brasil, somente onde surgiram homens capazes de reflexão original e criativa vão se delineando novos modelos de organização eclesiástica.

Notei que é sempre crescente o número de bispos e de sacerdotes que descobrem, com clareza e abertura evangélica, a realidade social e eclesial e se empenham, com as próprias comunidades, para a libertação do homem todo e de todos os homens. A Presidência da Conferência Nacional dos Bispos desempenha um papel positivo e dinâmico. As comunidades que mais progrediram ajudam às demais comunidades com suas experiências. É natural que haja resistências e radicalizações. Alguns (bispos, sacerdotes e leigos) são rígidos tradicionalistas; outros, embora abertos à renovação e à atualização, estão desorientados diante de um novo momento social e eclesial, ou estão condicionados e atemorizados frente às pressões do poder econômico e político.

Na Igreja brasileira, os leigos têm um importante papel a desempenhar, mas o seu condicionamento encontra-se diante de perspectivas diferentes, o que releva ainda mais as tensões e os problemas. Há uma maioria que, como dizem os Bispos no Documento de Preparação para o Sínodo, "por falta de instrução e de informação, pela condição de miséria e de opressão, pela falta de motivações para reagir às situações, são vítimas de uma atitude fatalista, passiva e estóica."

Há uma minoria muito viva e interessada, de todas as camadas sociais, empenhada cristãmente, que reconhece a realidade de injustiça do país como uma situação de pecado e de negação do plano de Deus e se propõe empenhar-se para a libertação total do homem como resposta a Deus que chama para construir a história na prospectiva do reino. Há também uma minoria, forte pelo prestígio social e pelo poder econômico e político, os católicos tradicionalistas, presa a uma visão individualista e ritualista do cristianismo, que vê a Igreja em função da ordem estabelecida e da luta contra o comunismo, confundindo com freqüência, a fé com a defesa dos próprios privilégios.

A Igreja brasileira se apresenta como uma Igreja diferente, vivendo dificuldades pelas tensões internas, em busca de uma nova fidelidade à missão, jamais, porém, uma Igreja em desagregação, como às vezes se ouve dizer, por causa dos assim chamados "bispos comunistas", dos sacerdotes que se casam, abandonando o sacerdócio, dos seminários vazios, das religiosas que deixam

seus conventos, das liturgias "holandesas", das paróquias sem padre.

Pelo contrário, pude verificar que alguma coisa de novo e de belo está se avolumando na Igreja do Brasil. O Espírito presenteia esta Igreja com novidades cristãs, dons que se tornarão riquezas imensas para toda a Igreja e em particular para a Igreja Italiana. Mesmo sabendo da provisoriedade e ciente das dificuldades, já se podem traçar linhas gerais da nova feição da Igreja no Brasil.

1. Uma Igreja audazmente com prometida com a libertação do ho mem todo e de todos os homens (Medellin).

Libertação parece ser o termo que sintetiza a profunda aspiração do povo brasileiro. Os espíritos mais atentos e penetrantes recusam considerar o subdesenvolvimento como um atraso, fruto de uma estrutura tradicional e que, pouco a pouco, se encaminharia para a modernização, para a industrialização.

No Brasil não se sente tanto o atraso mas a dependência de uma dominação interna e internacional que bloqueia o processo original de crescimento que o povo brasileiro está sendo chamado a realizar para tomar nas próprias mãos o seu destino, tornando-se prócere de sua própria história.

2. Uma Igreja fiel às origens e à cultura brasileira.

A Igreja no Brasil nasceu dependente da Europa. Hoje muitos cristãos trabalham para que a comunidade local tome nas mãos o seu destino e procure sua identidade eclesial própria. Somente uma Igreja, expressão de um povo sem voz e sem vez até agora, um povo que procura conscientizar-se a si mesmo, pode renovar sua fidelidade ao Senhor e enriquecer a Igreja universal. Por esta razão se procura que na Igreja se supere definitivamente a mentalidade colonial, para que tudo o que se proclamou no Concílio se torne uma realidade.

— A Igreja quer que tudo de bom que se encontra semeado no coração e na mente dos homens, nos ritos e nas culturas próprias dos povos, não só não se perca mas seja purificado, elevado e aperfeiçoado, **L G 17.**

3. Uma Igreja que evangeliza conscientizando.

A situação de injustiça e de exploração é considerada por grande número como incompatível com o advento do Reino de Deus. Procura-se pois denunciar com esta Palavra do Senhor, esta incompatibilidade, a fim de que o povo que ouve esta palavra se reconheça como explorado e sinta-se então constrangido a agir para a própria e alheia libertação. Esta dimensão da pregação evangélica está estimulando uma profunda revisão na ação pastoral da Igreja. De fato, a urgência do processo de libertação e a necessidade que o povo tem de participação determina a prioridade de uma evangelização que conscientize, liberte, humanize, promova o homem. E isto porque:

— A missão de pregar o evangelho nos nossos dias, exige nosso empenho pela total libertação do homem a partir de sua existência terrena. Se a mensagem cristã a respeito do amor e da justiça não demonstrar a eficácia da ação em favor da justiça no mundo, mais dificilmente esta mesma mensagem adquirirá credibilidade junto dos homens de nosso tempo. **Sínodo, Documento sobre a Justiça.**

O sujeito desta evangelização é hoje no Brasil uma Igreja que ainda exerce uma forte influência na sociedade. Esta influência pode ser valorizada — e realmente em parte o está sendo — para uma verdadeira educação de base.

4. Uma Igreja autenticamente pobre e desligada de qualquer poder temporal.

Uma das exigências mais vivas da Igreja no Brasil é o testemunho de pobreza e de liberdade. Qualquer coisa que a Igreja disser ou fizer a respeito da injustiça ou da miséria, serão palavras vãs se não forem seguidas de um despojamento e com uma identificação com os mais pobres e uma atitude de clara liberdade frente aos poderosos.

A imagem que a Igreja oferece no Brasil não é sempre a imagem de uma Igreja pobre e livre, todavia é mais pobre e mais livre que a Igreja italiana e está sendo sacudida por um sério empenho de despojamento e de identificação com os mais pobres. Muitos vêem na pobreza evangélica a expressão da solidariedade com os oprimidos e a denúncia do pecado da civilização do consumo, criadora de necessidades artificiais e despesas inúteis.

5. Uma Igreja com novas estruturas eclesiais.

O empenho pela libertação total do homem, a evangelização que conscientiza, a busca da própria identidade eclesial, o testemunho de pobreza e de liberdade, enquanto põem em crise as estruturas tradicionais da Igreja — o que muitos consideram uma desagregação da Igreja no Brasil — estimulam o aparecimento e o crescimento de novas estruturas eclesiais. Particularmente significativas são as comunidades de base e o pluralismo dos ministérios.

As orientações de Medellin estimularam na pastoral brasileira o empenho pelas comunidades de base. As comunidades de base são realmente a Igreja na sua primeira realização comunitária existencial. Nascem por iniciativa de um apóstolo (leigo ou sacerdote) e por livre escolha dos participantes. Há responsabilidade e participação ativa de todos. Começa, por vezes, num nível que exige mais um ministério da palavra e do exemplo, mas gradualmente se desenvolve até ao nível eucarístico que exige a presença e a ação do sacerdote como presidente da comunidade eucarística.

Na comunidade de base são evidentes algumas prioridades: a construção da Igreja viva, mais que as estruturas materiais; a participação vital das pessoas, mais que uma multidão passiva; a formação de líderes com a conseqüente multiplicação numérica de ministros e minis-

térios; a inserção na vida dos homens e do ambiente com a diferença da fé sozinha em Cristo que chama e que manda, pois não se trata apenas de estar bem juntamente, mas trata-se de sentir-se chamados para a missão de ajudar a todos se ajudando a reconhecer a paternidade de Deus, a fraternidade e a solidariedade recíproca, a obra de libertação do homem e de todos os homens.

É interessante o tipo de liturgia de que se faz experiência nas comunidades de base. Uma liturgia viva e participada, nascendo da fonte da vida e conduzindo à vida, sempre, porém, fiel aos cânones essenciais da fé. Uma liturgia em que a vida tem o predomínio sobre as fórmulas e a comunidade está realmente envolvida pelo ministério eucarístico.

Isto não leva à anarquia e à desagregação da unidade eclesial. Existe, de fato, pela ação do Espírito, comunhão de fé, de esperança, de caridade, na audição da palavra de Deus, na celebração da ceia do Senhor, no relacionamento vivo com o apóstolo representante do bispo.

Na situação brasileira, que não está partindo do zero, (há uma rica tradição de religiosidade popular entremeada de elementos cristãos) a passagem de uma Igreja tradicional para uma Igreja viva, se realiza através do empenho de apóstolos (sacerdotes e leigos) que entram num grupo humano, ajudam-no a ler a palavra de Deus e a observar criticamente a realidade. Favorece-se a tomada de consciência do que significa concretamente seguir a Cristo. Gradualmente a paróquia tradicional torna-se centro coordenador das comunidades de base.

Tem-se realmente a impressão de que a Igreja está renascendo livre, essencialmente, local e encarnada, empenhada em ser sinal e instrumento de salvação, isto é, de união com Deus e de unidade entre os homens em Cristo.

Pluralismo de ministérios

Nas comunidades de base o Espírito suscita maravilhosas disponibilidades para o serviço. Efetivamente, muitos desenvolvem serviços variados pela comunidade. É evidente um pluralismo de ministérios. O padre já não é mais o único ministro, monopolizador de todos os ministérios. Leigos, inseridos na vida da comunidade, são os animadores e os guias. Falta apenas que alguns deles, mediante a ordenação, sejam capacitados a presidir a eucaristia. O diminuir das vocações sacerdotais tradicionais não é considerado por muitos como um ponto negativo no Brasil, mas um convite do Espírito para repensar radicalmente os papéis ministeriais e os modos de preparação para o mesmo.

Alguns, especialmente no Sul do Brasil, pensam ainda em resolver o problema do número de sacerdotes,

mediante o seminário e o itinerário tradicional, mas a realidade parece indicar como reais, as estradas abertas pelas comunidades de base. Realmente, enquanto de uma parte o número de sacerdotes é sempre mais escasso, de outra, permanece "o direito divino das comunidades de ter os próprios ministros em grau de presidir também a Eucaristia" **Documento dos Bispos da Bahia, em Preparação ao Sínodo.**

Que, para tal escopo sejam consagradas pessoas casadas ou não, no Brasil, não se apresenta como uma questão de grande importância. O que se exige é uma exemplar conduta referente ao serviço que se deve prestar à comunidade. O que importa realmente é que Cristo esteja presente dentro da vida de várias comunidades e que a Igreja possa voltar a ser uma realidade extremamente simples, semente de fé, de esperança e de amor, na vida do homem.

Seja como for, na avaliação dos entendidos brasileiros, do mesmo modo que acontecia nas primeiras comunidades cristãs, tal forma de sacerdócio não excluiria, mas afiançaria um sacerdócio em tempo integral, "segregação total para o evangelho" e forma mais alta de seguir a Cristo.

Isto será sempre necessário para as várias funções de coordenação, direção e animação das várias comunidades. Hoje são muitos os brasileiros que pensam não ser tão importante a fidelidade a uma tipologia unívoca de padre, hoje cada vez menos adequada para sustentar todo o peso da ação pastoral que, com freqüência, é aumentada pelo desapego da vida. É importante para a Igreja estar presente nos vários ambientes da vida.

Como vi os padres e os leigos italianos

É neste contexto vivo mas difícil que trabalham mais de 200 padres e 80 leigos provenientes de várias dioceses italianas. Foi com muitos deles que me encontrei no verão de 1971, desde a cidade de Rio Branco, no Estado do Acre (extremo Norte) até Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul (extremo sul do país). Foram reuniões programadas sobre o tema **Missão e Libertação.** A escolha do tema foi feita tendo em mente o apostolado da América Latina. É uma nascente de graça e de crescimento humano e cristão, porém, apresenta hoje notáveis dificuldades.

Os encontros foram excelentes ocasiões para se refletir e buscar juntos. Tentou-se repensar na fé a contribuição às missões que hoje são chamados a dar ao Brasil, como expressão de comunhão, as dioceses italianas e as dioceses brasileiras.

Agradeço a Deus e aos amigos, sacerdotes e leigos que encontrei, porque me deram possibilidade de entrar em contato com a experiência e a busca de homens que não só falam, mas trabalham de verdade pelo reino de Deus. Hoje todos estamos um pouco cansados de palavras e um pouco desiludidos pelos caminhos da Igreja e do mundo. Ver como jovens e não jovens se comprometem em atitudes heróicas nos serviços de Deus e dos irmãos, sus-

cita admiração e dá esperança. Vale a pena conhecer-lhes a experiência.

Penso poder afirmar que a maioria destes padres e destes leigos estão empenhados numa renovação espiritual, pastoral, teológica notáveis e dão grande contribuição ao crescimento das comunidades nas quais trabalham. Tudo em solidariedade com padres e leigos locais.

Não digo que falte quem está em crise, desanimado e desorientado. Não quero dizer que todos tenham acertado exatamente o passo na sua inserção e na sua atividade pastoral. Nos encontros ouvi deles mesmos avaliações críticas de atitudes pessoais ou de grupo ou de outros amigos. Diversas destas avaliações críticas pareceram-me particularmente pertinentes. Aponto algumas:

1. Um inadequado conhecimento e respeito pela cultura brasileira e da religiosidade popular.

2. Um estilo de presença e de intervenção não de animação de grupo humano mas diretivo e paternalista, inspirado em superioridade e em pressa de obter resultados.

3. Tendência a repetir métodos pastorais adquiridos na Itália, antes que reinventar a pastoral com a preocupação de favorecer a expressão e o crescimento de uma Igreja verdadeiramente local.

4. Maior preocupação em aumentar ou conservar quantitativamente os cristãos administrando sacramentos, celebrando missas, do que trabalhar para que cresçam comunidades que sejam "sacramento e sinal, instrumento" da salvação e libertação total que Cristo veio trazer.

5. Risco de afrouxamento, exasperação, esvaziamento interior por causa das tensões pelas difíceis situações da sociedade e da Igreja.

6. Acolhida a-crítica de teses divulgadas como "uma nova teologia" ou, ao contrário, uma rígida fidelidade a tudo o que se aprendeu no seminário.

7. Pouca disponibilidade para a oração pessoal sobrecarregados como estão pelo trabalho e por outras preocupações.

8. Maior preocupação em fazer do que em pensar aquilo que se deve fazer.

Percebi que dificilmente se defendem destas tentações aqueles que vivem longe dos grandes centros nos quais há vivacidade pastoral e cultural; aqueles que vivem em dioceses onde é escassa a atividade de pesquisa e de pastoral; aqueles que vivem sem a colaboração de uma equipe que ajuda e estimula a reflexão e a revisão pessoal e pastoral; aqueles, enfim, que foram esquecidos de suas dioceses italianas de origem.

Responsabilidade para a Igreja italiana

Parece-me que desta situação nascem responsabilidades precisas para as dioceses italianas que enviaram padres e leigos para a América Latina e responsabilidades precisas também para o CEIAL (Comité Episcopal Italiano para a América Latina) que favorece este envio e está

chamado a desenvolver um papel de mediador entre aqueles que partiram e a Igreja italiana.

1. É preciso aprofundar o conhecimento dos valores e dos fermentos positivos que estão presentes na sociedade e na Igreja latino-americana. É premissa para uma verdadeira mudança. Toma-se consciência de quanto se pode receber e aprender da América Latina para a renovação de nossa sociedade e da nossa Igreja.

2. É urgente individuar as responsabilidades que existem na sociedade italiana e na Igreja frente as injustiças e as dificuldades da América Latina, com a finalidade de promover um movimento de opinião pública, dentro e fora da Igreja italiana que estimule as autoridades competentes a tomarem iniciativas adequadas.

3. A Igreja italiana, seja através dos esforços das dioceses e de grupos espontâneos, seja através do CEIAL, deve expressar uma efetiva solidariedade a todos — padres e leigos — que estão na América Latina, como expressão concreta de colaboração entre as igrejas. Muitas dificuldades dos que trabalham na América Latina podem ser superadas através do empenho, aqui na Itália, para compreender sua situação e os seus problemas, para acolher as suas mensagens e suas justas esperanças.

4. Continua uma necessidade para a América Latina, a presença de sacerdotes e leigos italianos. É aliás uma das maneiras concretas de tornar eficiente a comunhão entre as Igrejas. É preciso, porém, seriedade na escolha e preparação das pessoas que devem ser enviadas. Não se preocupar só com número mas sobretudo com a qualidade. Não servem homens para toda obra. Mas homens que tenham uma sensibilidade humana e eclesial que os torne capazes de encarnar-se, de entender o que o Espírito está operando, de atender corajosa e criativamente, de transmitir às suas dioceses de origens na Itália, experiências e valores.

5. Do CEIAL se espera uma solução para um Delegado no Brasil, uma ajuda no plano de reflexão teológico-espiritual-pastoral (não enviando soluções pré-fabricadas e importadas) mas estudando as possibilidades **in loco** e um empenho mais decisivo para sensibilizar a Itália.

6. Nasce ainda uma grande responsabilidade para todos os que trabalham na América Latina. Devem preocupar-se em ajudar com a própria experiência e testemunho às dioceses de origem. Algumas vezes a partida não chegou a se amadurecer na visão de Igreja como comunhão; o empenho de encarnação e de serviço na América Latina colocam em segundo plano os relacionamentos com as respectivas dioceses; as dificuldades de fazer compreender na Itália os problemas e as situações desencorajam. Numa verdadeira prospectiva de Igreja, entretanto, é urgente que tenhamos uma viva consciência de sermos meios concretos de comunicação entre a América Latina e a Itália.

GUIA DA ASSEMBLÉIA CRISTÃ, Thierry Maertens e Jean Frisque. Volume IX. Festas com prevalência sobre o domingo. Lecionário. Biografia dos Santos. Indices. Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 200.

De algum tempo para cá a Liturgia está valorizando a Palavra. O Vaticano II fala da "mesa da palavra" e da "mesa do Corpo do Senhor." O cristão se alimenta de duas mesas. Não somente do pão eucarístico mas também do pão da palavra de Deus. Importante que o cristão possa realmente escutar e compreender a palavra da salvação que se encontra consignada por escrito nos livros do Antigo e Novo Testamentos e é proclamada na Liturgia.

Todos nos regozijamos com o aparecimento do novo ordinário das lições da missa. Podemos entrar em contato com inúmeros trechos ricos da Escritura que raras vezes tínhamos ocasião de ouvir. Mais importante que a audição da palavra de Deus é sua compreensão e sua aplicação à vida. O **Guia da Assembléia Cristã** é um excelente instrumento que a Editora Vozes oferece aos seus leitores para a compreensão desta palavra de Deus. Trata-se de um trabalho de fôlego de dois nomes internacionalmente conhecidos: Thierry Maertens e Jean Frisque.

Os autores apresentam um estudo sério de todos os textos para os domingos e dias da semana. A obra está assim estruturada: enunciado o texto para a leitura, é feito um **comentário exegético** do mesmo e, para os domingos, são propostos **temas doutrinários** decorrentes das mesmas leituras. O estudo da exegese, embora não constitua uma possível pregação, é um trabalho prévio indispensável. Por esta razão os au-

ESTANTE DE LIVROS

tores procuram fornecer indicações exegéticas baseadas em recentes estudos de peritos.

Importantíssima é a parte destinada à doutrina. O padre que deve fazer uma homilia no domingo poderá lá encontrar, em geral, dois temas importantes que decorrem dos textos escolhidos para o domingo ou para a festa, fonte inesgotável de elementos para uma rica e substanciosa meditação.

A IGREJA VIVE, Luís Maria Carli. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 250. Tradução do original italiano **Nova et Vetera.**

Este opúsculo não tem as pretensões de obra estritamente científica. Suas intenções são, antes, de caráter pastoral e informativo, o que explica o fato de os temas, embora múltiplos e amplos, serem apenas tocados de leve e as citações bibliográficas serem bastante raras. De fato, se esses temas devessem ser tratados a fundo, exigiram volumes e mais volumes.

A tradução das citações bíblicas e patrísticas foi feita diretamente dos textos originais. O mesmo se diga das citações de documentos do Concílio Vaticano II e da Santa Sé. As muitas citações anônimas contidas neste opúsculo — e das quais não posso deixar de discordar — pertencem a autores ainda vivos cujos nomes calo por sentimentos de caridade, tendo sido tiradas de fontes que não indico por não querer promover sua publicidade gratuita. Ademais, a indole deste opúsculo não o exigia.

Espero que este modesto esforço seja acolhido como o pretendia o autor, como fraca mas sincera expressão de amor para com a Igreja atribulada. **Luís Maria Carli, Bispo de Segni.**

"A palavra de um bispo vale pouquíssimo, quando isolada. Muito, se fizer coro com a de outros bispos. Muitíssimo, se estiver em sintonia com a palavra do Romano Pontífice, que Cristo quis fosse na Igreja o vigário de seu amor pastoral e mestre universal de sua palavra. É, por conseguinte, com confiança e levado mais pela persuasão de um dever a cumprir do que a de um direito a exercer que me abalanço a manifestar o meu pensamento sobre a situação da Igreja hoje, depois de alguns anos do encerramento do Concílio Ecumênico Vaticano II."

O TERCEIRO MILÊNIO, Um Sonho No Espaço, José Maria Doménech T. Tradução do original inglês **The Third Millennium, A Dream In Space.** Editora Vozes. Ano 1972. Páginas 250.

O Terceiro Milênio é uma prospectiva de ficção científica para receber sem trauma o violento impacto do futuro. Hoje a ficção científica está exercendo um papel muito mais importante do que aquele para o que foi criada, ou seja, o entretenimento.

Ao abordar os problemas da era tecnológica através da simbiose da ciência com a fantasia, prepara o leitor para o futuro, capacitando-o a viver nesta mesma era tecnológica que já está aí e que nos invade cada vez mais aceleradamente.

Usando como pretexto uma fantástica viagem interestelar, o autor especula sobre a famosa equação de Einstein (E = = mxc2), segundo a qual o tempo pára no espaço ao alcançar a velocidade da luz. A seu regresso à terra, 1000 anos depois de um suposto caos atômico, os astronautas ficam maravilhados com o esplendor da Sociedade do Lazer — não do ócio — construída por uma super-humanidade, surgida perfeita das cinzas do passado.

Analisar a problemática de metas como o redimensionamento dos conceitos de lucro e propriedade pela integração e participação de todos nas fabulosas riquezas disponíveis pela einsteinização da economia, em que os lucros adicionais provenientes da aplicação das novas técnicas são investidos na liberação do homem, dos ancestrais ônus do trabalho muscular, substituindo-o com vantagem pelos robôs positrônicos.

Avaliar a faculdade real de suspensão da morte e a retomada da vida por anabiose cryobiológica; o domínio do cromossomo e o controle remoto da genética; a equiparação da mulher ao homem, econômica, social e sexualmente; a navegação interestelar tripulada e a colonização das galáxias para talvez algum dia fugir à entropia do Universo, constituem a temática do original livro de José Maria Doménech T. ao qual dedicou um longo ciclo de estudo e pesquisa.

Agora, sua obra surge plenamente amadurecida por ter sido incorporada a ela, não só todo o rico acervo tecnológico alcançado nestas últimas décadas, mas também a prospectiva das maravilhosas conquistas que estão na iminência de acontecer, fazendo-nos pressentir, já próxima, a alvorada dos gloriosos tempos em que finalmente o homem reinará em toda a sua plenitude sobre o Universo.

O Terceiro Milênio tem um lugar definido na hora presente. Ele destina-se ao leitor estudioso e principalmente criativo e dinâmico mundo jovem que, na semântica de Toffler e McLuhan, é responsável pela progressiva mutação de todos os conceitos até hoje considerados absolutos, no dramático processo globalizador da humanidade. **Rose Marie Muraro**

A MASTURBAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA, André Alsteens. Editora Herder. Ano 1972. Páginas 170. Traduzido do original francês La masturbation chez l'Adolescent, pelo Padre Ângelo Busnardo.

Os dados psicológicos do problema e suas implicações pedagógicas e psico-

terápicas. O prefácio do livro é escrito por Monsenhor V. Heylen, da Universidade de Lovaina.

A masturbação é analisada nesta obra com base na psicologia clínica. O livro foi escrito com a intenção de servir como base para uma reflexão pedagógica sobre o assunto, vindo ao encontro das preocupações atuais em orientar e ajudar os adolescentes em seus problemas atinentes ao sexo.

Incluindo uma bibliografia completa, o autor apresenta um estudo da evolução das idéias suscitadas pela influência da psicanálise, assim como as grandes tendências contemporâneas, tanto na literatura analítica como nas obras de informação geral, e procura fazer um exame sintético do problema psicológico da masturbação e suas diversas formas, sua influência no desenvolvimento ulterior do adolescente e, finalmente, analisa as lições pedagógicas e psicoterápicas resultantes dos estudos feitos.

O leitor perceberá que a psicoterapia da masturbação se situa na fronteira para aquém da qual, e nos limites da qual, se inscreve o território da relação educativa pastoral.

Longe de desconhecer as implicações morais, a orientação psicopedagógica desta obra constitui uma nova colaboração para o exame das mesmas, prestando valioso auxílio aos educadores — pais, professores e pastores — na sua delicada tarefa de compreender e de ajudar os jovens.

A CRIANÇA E SEUS JOGOS, Arminda Aberastury. Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 100.

Trinta e duas ilustrações. Texto e imagem se completam e revelam segredos. Este livro foi editado sob a orientação da Associação de Psiquiatria e Psicologia da Infância e Adolescência e por indicação do Dr. Fábio Leite Lobo, Diretor do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

Livro escrito por renomada psicanalista que pode ser compreendido e aproveitado por todo e qualquer leitor, mesmo sem conhecimentos especializados de psicologia ou psicanálise.

Arminda Aberastury é talvez a maior autoridade em psicanálise infantil dos países latino-americanos e uma das grandes figuras internacionais neste campo. Autora de vários livros: **Teoria e Técnica da Psicanálise de Crianças; O Jogo de Construir Casas; História, Ensino e Exercício Legal de Psicanálise** e de inúmeros artigos especializados.

A CRIANÇA E SEUS JOGOS contém a vastidão de conhecimentos da autora, sua aguda compreensão e suas descobertas originais sobre a vida psíquica da criança. Abandona o vocabulário técnico para que o livro sirva não apenas a psicanalistas, psicólogos e pediatras mas também a professores e pais em geral. Dá uma visão completa da atividade lúdica da criança e seu significado ao longo do crescimento infantil. Descreve e explica o jogo do bebê, da criança pequena, do escolar e do pré-adolescente.

Enriquece ainda mais a obra uma série de fotografias, de caráter documen-

tal, especialmente obtidas para ilustrar o texto. Clareza de exposição e fotografias precisas ilustram o processo, passo a passo, numa harmoniosa unidade de conceito e imagem.

Por tudo isto, o livro é realmente valioso. Os pais e professores vão encontrar resposta para perguntas como estas: Brinca a criança de cinco ou seis anos? É normal este brinquedo? Corresponde este brinquedo à idade cronológica da criança? Qual o brinquedo mais adequado para uma criança de determinada idade? Por que esta criança não quer brincar com este brinquedo?

Ao responder diz a autora: "Tratei de resumir vinte e seis anos de experiência num assunto a que consagrei a maior parte de minhas horas de trabalho."

RECEBEMOS

O Inglês sem esforço, Método Assimil, de A. Chérel. Editora Herder. Ano 1972. Páginas 520, em cuidadosa encadernação. **O Francês sem esforço,** Método Assimil, de A. Chérel. Editora Herder. Ano 1972. Páginas 500, em cuidadosa encadernação. **A Geometria pelas transformações, Grupos e Coordenadas,** Z. P. Dienes e E. W. Golding. Volume III. Traduzido da edição francesa **Groupes et Coordonées,** por Maria Pia Brito de Macedo Charlier e René François Joseph Charlier. Editora Herder. Ano 1972. Páginas 145.

INTRODUÇÃO AO PENSAR, Arcângelo R. Buzzi Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 180.

O Ser. O Conhecer. A Linguagem, é o subtítulo desta obra. O pensamento vive recolhido no ser e se desvela na multiplicidade dos entes. No homem se manifesta como possibilidades de percepção, se constitui em conhecimento. O homem é o lugar onde o pensamento aperece na aventura inebriante do pensar. O que pensa o pensamento? Como pensa o pensamento?

As páginas deste pequeno livro, numa seqüência lógica bem arquitetada e de grande didática, procuram encaminhar o leitor a perceber quais seriam as possíveis respostas. Qual o conhecimento que melhor revela o pensamento? O mítico? O científico? O bom-senso? O filosófico? O da fé? No conhecimento filosófico o pensamento ensaia uma radical compreensão da realidade. Pensar é filosofar. Filosofar é instaurar um mundo diferente. Não fora, mas no concreto mundo de agora, desvelando-o como diferente, revelando-o no vigor latente esquecido.

Perceber o diferente e no diferente a unidade é próprio do pensamento. O pensador, nesta perspectiva, ambiciona colocar-se no centro do círculo da existência. De lá percebe como na circunferência as coisas se relacionam numa eterna perseguição de sim e de não, de verdadeiro e de falso, de bem e de mal, de autêntico e de inautêntico, que é o que constitui o mundo que vivemos.

Mas quem está no ponto morto do círculo pode em princípio compreender todos os movimentos de negação e afir-

mação, de autenticidade e inautenticidade em sua correta interdependência. Pensar ou sopesar nesta profundidade a misteriosa realidade que nos envolve não é só difícil, mas impossível. Tomar consciência desta impossibilidade é a grande sabedoria do pensamento. Esta é a sabedoria que leva a amizade com o ser em todas as suas contrastantes manifestações.

É a sabedoria que agracia, por certo, parco conhecimento, mas muita jovialidade. O alegre viver é graça mais da amizade que do saber. Convocar o homem ao pensamento é convocá-lo à amizade com o ser, é evocar seu destino, é instituir um espaço onde possa surgir a comunidade humana para além das ideologias que dividem e dos sistemas que separam.

Este livro pretende apenas isto: ajudar a pensar.

TRADIÇÃO E PROGRESSO NO CRISTIANISMO PÓS-CONCILIAR, Hans Pfeil. Edições Paulinas, Ano 1972. Páginas 110. Tradução do original alemão **Tradition und Fortschrift.**

Manter a tradição e ser progressista ao mesmo tempo, eis a tarefa com a qual se vêem confrontados os católicos desde o Concílio Vaticano II. É lógico que esta tarefa não é fácil, predominando em uns a atitude conservadora e em outros a progressista, não raro com supervalorização da própria preferência com detrimento do justo meio. Daí a urgência de uma orientação no sentido de distinguir o eternamente válido e intocável e o que é condicionado pelo tempo e passível de reforma, a fim de evitar o erro e a unilateralidade. Intenção e objetivo dos sete capítulos deste livro é contribuir um pouco para esta tarefa.

Trata-se de sete ensaios que apareceram nos últimos anos (com uma exceção) em revistas de teologia, onde eram lidos apenas pelos padres. A receptividade, porém, que estes ensaios tiveram, motivaram a Editora Seelsorge e o autor a torná-los acessíveis a um círculo maior de leigos.

Eis os títulos dos sete capítulos: **1.** Método para arrancar aplausos. **2.** O homem à luz do Vaticano II. **3.** O sim conciliar ao progresso econômico. **4.** A problemática do diálogo. **5.** Da fé em Deus até a auto-idolatria. **6. Leibniz,** um precursor do Vaticano II. **7.** Ser cristão num mundo secularizado.

JESUS CRISTO, O SALVADOR, Wilhelm Breuning. Edições Loyola. Ano 1972. Páginas 180. Tradução do original alemão **Jesus Christus, Der Erloser,** de Odilon Jaegler, S. J.

Em Jesus Cristo o amor de Deus aos homens tornou-se acontecimento histórico de uma maneira insuperável. Toda a Redenção, toda a graça tem seu iní-

cio no mistério da Encarnação. Eis a concepção fundamental, que condiciona a relação central com o homem e seu mundo, quando se fala de Deus e de sua redenção.

Em contraste com o método em uso nos manuais de Teologia, o autor do presente livro soube apresentar a pessoa e a obra de Cristo, bem como a ação de Deus na graça, em uma unidade, na qual brilha a encarnação de Deus no homem Jesus de Nazaré como mistério central da fé cristã. É neste mistério que toda a nossa fé tem seu início e encontra sua justificação.

Wilhelm Breuning nasceu em 1920. Ordenou-se sacerdote em 1948. Livre docência em 1958. Desde 1962 professor de teologia dogmática em Tréveris. Publicou: **Ascenção e Queda do Homem, segundo Ulrich von Strassburg,** Trier, 1959. Colaborador de M. J. Scheeben.

JOVEM, VOCÊ, Maria Aparecida Ataliba de Lima Gonçalves. Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 100.

Fez-se a experiência. Diante de duas jovens de dezessete anos foram colocados dois textos versando o mesmo assunto. Um, em prosa correta, simples, objetiva. Outro, brotando diretamente da alma, em frases meio soltas, deixando nas entrelinhas muito que pensar. Escolheram a segunda forma: o poema. Assim nasceu a primeira parte do livro que é endereçado à gente moça de nossa terra e, de outras terras.

A segunda parte do livro foi uma explosão de duas almas jovens, duas garotas modernas que, nos seus momentos de fossa e de fé, punham no papel seus sentimentos, sem adivinhar que um dia seriam dados à imprensa.

Não são apenas os moços que aproveitam da leitura do livro. Todos os leitores vão repassando suas vidas, seus projetos, seus amores, sua fé, sua posição diante das dificuldades, sua alegria, seus ideais, seu dia-a-dia.

Cada uma destas páginas foi vivida. Cada poema, escrito numa situação de alma, num momento sério.

A gente sente dor e grita.
A gente sente angústia e chora.
A gente precisa sair de si e ir...
Às vezes vai para frente,

Às vezes vai para trás, para tomar impulso e então correr. Outras vezes a gente vai para os outros, à procura de compreensão, de calor, de aprovação. Às vezes, ainda, a gente chega a conclusões tão curiosas que dá vontade de gritar aos quatro ventos...

EVOLUÇÃO E ANTROPOLOGIA, no espaço e no tempo, J. L. Poersch. Editora Herder. São Paulo. Ano 1972. Páginas 250. Síntese da Cosmovisão de Teilhard de Chardin.

A ciência da **Evolução** se fundamenta no conhecimento e na investigação do **passado,** mas com Teilhard de Chardin já é chegado o tempo de começar a perscrutar o **futuro,** até o seu limite mais distante e derradeiro. Para onde nos leva a **Evolução?** Os grandes paladinos das ciências que a descobriram não souberam avaliar as dimensões infinitas do seu alcance e a magnitude transcendente do **Fenômeno Humano** na sua caminhada para o Absoluto.

Na sua penetrante Visão Cósmica, Teilhard de Chardin reabilita a grandeza e

a dignidade do homem, colocando-o bem no centro das torrentes evolutivas do mundo. O Fenômeno Humano representa a conquista suprema das forças criadoras da evolução, tornando-se o eixo das grandes realizações e avanços da vida e centro coletor das energias do universo.

A partir do homem é para ele que convergem todos os esforços construtivos do mundo, como para seu último fim. Fora dele a Evolução, extremamente lenta, quase escapa ao olhar atento do naturalista, de tal forma que sua realidade foi negada e proscrita durante séculos e milênios. Mas avança a passos de gigante nas realizações humanas, cujas conquistas sondam o infinito.

Uma por uma, as forças do mundo se submetem ao comando do homem. Centro coletor das energias cósmicas, o Homem está predestinado a crescer em valor e dignidade, em poder e grandeza, até submeter todas as potências do mundo ao seu completo domínio. Sua vontade insaciável só tem por limite o sentido absoluto das coisas, a fim de consumar-se na plenitude divina de sua existência.

"O ser pensante... descobre que não é um elemento perdido nas solidões cósmicas, mas que uma universal vontade de viver nele converge e se hominiza. O homem, não centro estático do mundo — como se julgou por muito tempo — mas eixo e flecha da evolução, o que é muito mais belo," **O Fenômeno Humano, página 11.**

O PROBLEMA DA REVELAÇÃO, Claude Tresmontant. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 350. Tradução do original francês **Le problème de la Révélation,** por Ático Rubini.

O Autor, nome de projeção nas letras bíblicas, estudou na sua obra **Comment se posse aujourd'hui le problème de l'existence de Dieu,** segundo os dados atuais das ciências da natureza, as condições de ser do mundo, da vida e do pensamento e demonstrou a necessidade duma referência a um Absoluto criador.

Este Absoluto, chamado Deus, manifestou-se na história humana?

Este é o objetivo do presente ensaio. Partindo dos livros bíblicos que pretendem transmitir-nos esta manifestação na existência do povo hebreu no curso de dezenove séculos desde Abraão a Jesus Cristo, Claude Tresmontant examina as razões que permitem falar aqui de Revelação e de definir-lhe o papel e objeto.

Israel representa, com efeito, uma mutação na vida e no pensamento da humanidade. A Revelação apresenta-se aí como uma informação que não procede do homem e à qual, pelo contrário, o homem não cessa de lhe resistir. O confronto da mensagem dos profetas com a experiência histórica permite analisar a especificidade dessa mensagem, tanto na sua natureza como no seu conteúdo.

É a esse confronto preciso que é consagrada toda a segunda parte do presente trabalho, onde a criação de Israel, o dom que recebe de uma lei constitutiva, a infidelidade a esta norma vital, os sofrimentos e a salvação são evocados a partir dos textos bíblicos e notadamente proféticos, que assumem destarte toda a significação para o homem de hoje.

TEOLOGIA DA VIDA RELIGIOSA

Joseph Aubry

Capítulo I: O Estado Religioso na Igreja

Capítulo II: A Vida Religiosa na sua dimensão pessoal, teologal ou mistica

Capítulo III: A Vida Religiosa na sua dimensão cumunitária ou eclesial

Capítulo IV: A Vida Religiosa na sua dimensão apostólica de serviço direto

Capítulo V: A Vida Religiosa na sua dimensão apostólica e de testemunho

Capítulo VI: Os principais aspectos da renovação e da adequada atualização da VR

Capítulo VII: No seguimento do Cristo casto no hoje da Igreja e do mundo

Capítulo VIII: Na sequela do Cristo pobre no hoje da Igreja e do mundo

Capítulo IX: Seguindo o Cristo obediente no hoje da Igreja e do mundo

Capítulo X: Vida Religiosa ativa e vida de Oração

Capítulo XI: Vida Religiosa e missão educativa.

EDITORIAL DOM BOSCO
03103 Rua da Mooca, 766 - SÃO PAULO (6) - SP